



Caderno Nisargadatta Maharaj

Tradução livre de Moacir Amaral

(sem revisão – para estudo pessoal)



Nisargadatta Maharaj, *I Am That*, Chetana, Bombay, 1987.

Índice

Cap 33 – Tudo Acontece por Si Mesmo	7
Cap 34 – A Mente é Inquieta em Si Mesma	13
Cap 35 – (pág 150–152)	19
Cap 37 – (pág 162)	20
Cap 38 – Prática Espiritual é o Querer Afirmado e Reafirmado	21
Cap 39 – (pág 177)	26
Cap 40 – Só o Ser é Real	27
Cap 41 – Desenvolva a Atitude do Observador	30
Cap 42 – A Realidade Não Pode Ser Expressa	33
Cap 43 – A Ignorância Pode Ser Reconhecida, Não a Sabedoria	36
Cap 45 – (pág. 203-204)	38
Cap 48 – A Atenção é Livre	40
Cap 49 – (pág 227)	46
Cap 53 – (pág 248)	47
Cap 55 – (pág 258)	47
Cap 66 – Toda Busca de Felicidade é Infelicidade	49
Cap 71 – (pág 343)	55
Cap 73 – A Morte da Mente é o Nascimento da Sabedoria	56
Cap 76 – Saber Que Você Não Sabe, é o Verdadeiro Conhecimento	62
Cap 77 – (pág. 386)	68
Cap 80 – Atenção	69
The Experience of Nothingness	75
The Blissful Life	76
The Ultimate Medicine	77

Cap 33 – Tudo Acontece por Si Mesmo

Pergunta: Um sábio (*gnani*) morre?

Nisargadatta Maharaj: Ele está além da vida e da morte. O que nós consideramos inevitável – nascer e morrer – é para ele nada mais que um meio de expressar movimento dentro do que é imóvel, mudança no que é imutável, fim no que é sem fim. Para o sábio é óbvio que nada nasce e nada morre, nada tem duração e nada muda, tudo é como é – fora do tempo.

P: Você diz que o sábio está além. Além do quê? Além do conhecimento?

N: O conhecimento tem o seu apogeu e o seu declínio. A consciência aparece e desaparece. É uma questão de observar o que ocorre diariamente. Todos sabemos que as vezes estamos conscientes e as vezes não. Quando não estamos conscientes parece que fica tudo na escuridão ou em branco. Mas o sábio está acordado para si mesmo e se percebe nem consciente nem inconsciente, mas inteiro acordado, um observador da mente e dos seus conteúdos.

P: Quando começa essa observação?

N: Para o sábio nada começa ou acaba. Um sal se dissolve na água, assim tudo se dissolve no Ser verdadeiro. A sabedoria está eternamente negando o irreal. Ver o irreal como irreal é sabedoria. Além disso está o que não pode ser expresso.

P: Em mim existe a convicção “Eu sou o meu corpo”. Eu sei, estou tirando isso da falta de sabedoria. Mas o estado de sentir a si mesmo como o corpo, o corpo-mente, a mente-corpo, ou mesmo só mente – quando isso começou?

N: Você não pode falar de um começo da consciência. A própria idéia de começo e do tempo estão dentro da consciência. Para falar com sentido do começo de alguma coisa você precisa se colocar fora dela. E no momento que você se coloca fora você se dá conta que não existe tal coisa nem nunca houve. Existe apenas a realidade, em que nenhuma “coisa” é realmente um ser em si mesma. Assim como as ondas são inseparáveis do oceano, assim toda existência tem suas raízes no Ser.

P: O fato é que aqui e agora estou lhe perguntando: quando começou este sentimento de que “eu sou o corpo”? No meu nascimento? Nesta manhã?

N: Agora.

P: Mas eu me lembro de tê-lo ontem também.

N: A memória de ontem só existe agora.

P: Mas com certeza eu existo no tempo. Tenho um passado e um futuro.

N: Isso é como você imagina – agora.

P: Deve ter existido um começo.

N: Agora.

P: E um fim?

N: O que não tem começo não tem fim.

P: Mas estou consciente da minha questão.

N: Uma questão falsa não pode ser respondida. Apenas pode ser vista como falsa.

P: Para mim é real.

N: Quando ela parece real para você? Agora.

P: Sim, ela é bem real para mim – agora.

N: O que é real acerca de sua questão? É um estado da mente. Nenhum estado mental pode ser mais real do que a própria mente. A mente é real? Ela não é senão uma coleção de estados, cada um deles transitórios. Como pode uma sucessão de estados transitórios ser considerada real?

P: Como as contas em um fio, eventos seguem eventos – para sempre.

N: Eles todos ligados pela idéia básica: “Eu sou o corpo”. Mas mesmo isso é um estado mental e não tem duração. Vem e vai embora como todos os outros estados. A ilusão de se ser o corpo-mente existe só porque não é investigada. A não-investigação é o fio em que todos os estados da mente estão ligados. É como a escuridão de um quarto fechado. Ela existe – aparentemente. Mas quando o quarto é aberto, onde ela vai parar? Não vai a lugar algum, pois nunca esteve lá. Todos os estados da mente, todos os nomes e formas da existência estão enraizados na não-investigação, na imaginação e na credulidade. É correto dizer “Eu sou”, mas dizer “Eu sou isto”, “Eu sou aquilo”, é um sinal de não-investigação, não-examinar, de preguiça mental e letargia.

P: Se tudo é luz, como aparece a escuridão? Como pode haver escuridão no meio da luz?

N: Não existe escuridão no meio da luz. O esquecimento do Ser é a escuridão. Quando estamos absorvidos em outras coisas, no que não é o Ser, nós esquecemos o Ser. Isso é perfeitamente natural. Mas por que esquecer do Ser pelo excesso de apego? A sabedoria está em jamais esquecer do Ser como a sempre presente fonte tanto do experimentador quanto da sua experiência.

P: No meu presente estado a idéia de “Eu sou o corpo” aparece espontaneamente, enquanto a idéia “Eu sou puro Ser” tem que ser imposta na mente como algo verdadeiro porém não experimentado.

N: Sim. *Sadhana* (a prática) consiste em relembrar a si mesmo forçosamente de seu próprio Ser, de não ser algo em particular, nem a soma de muitos particulares, nem mesmo a totalidade dos particulares, que aparece como o Universo. Tudo existe na mente, mesmo o corpo é uma integração na mente de um vasto número de percepções sensoriais, cada percepção sendo também um estado mental. Se você diz “Eu sou o corpo”, mostre isso.

P: Aqui está.

N: Somente quando você pensa nisso. Tanto a mente como o corpo são estados intermitentes. A soma total dessas percepções cria a ilusão de existência. Investigue o que é permanente no que é transiente, real no irreal. Esta é a prática.

P: O fato é que estou pensando em mim mesmo como sendo o corpo.

N: Pense em você mesmo por todos os meios. Apenas não traga a idéia de corpo para o quadro. Existe apenas uma corrente de sensações, percepções, memórias e ideações. O corpo é uma abstração criada pela nossa tendência de buscar a unidade na diversidade – que, por sinal, não está errado.

P: Está-me sendo falado que pensar “Eu sou o corpo” é um defeito na mente.

N: Por que falar assim? Expressões assim criam problemas. O Ser é a fonte de tudo e o fim de tudo – o destino final. Nada lhe é externo.

P: Quando a idéia de corpo se torna obsessiva, não é totalmente errado?

N: Não existe nada de errado com a idéia de um corpo, nem mesmo na idéia de “Eu sou um corpo”. Mas limitar a si mesmo a um corpo apenas é um engano. Na realidade toda a existência, cada forma é a minha própria, na minha consciência. Eu não posso dizer o que eu sou porque as palavras podem apenas dizer o que eu não sou. Eu sou, e porque eu sou, tudo é. Mas eu sou além da consciência e, portanto, na consciência não posso dizer o que sou. Ainda assim, Eu sou. A questão “Quem sou eu?” não tem resposta. Nenhuma experiência pode respondê-la, pois o Ser é além da experiência.

P: Mesmo assim, a questão “Quem sou eu?” deve ter alguma utilidade.

N: Ela não tem resposta na consciência e, portanto, ajuda a ir além da consciência.

P: Aqui estou eu – no presente momento. O que é real nisso e o que não é real? Agora, por favor, não me diga que minha questão é errada. Questionar minhas questões não me leva a parte alguma.

N: Sua questão não é errada. Ela é não-necessária. Você disse: “Aqui e agora Eu sou”. Pare aí, isso é real. Não transforme um fato em uma questão. Aí está seu erro. Você não é o saber nem o não-saber, nem mente nem matéria; não tente se descrever como mente e matéria.

P: Bem agora um menino veio até você com um problema. Você lhe falou algumas palavras e ele foi embora. Você o ajudou?

N: Naturalmente.

P: Como você pode ter tanta certeza?

N: Ajudar é minha natureza.

P: Como você veio a saber disso?

N: Sem necessidade de saber. Isso opera por si mesmo.

P: Ainda assim, você fez uma afirmação. Em que base?

N: Não que as pessoas me contam. Mas é você quem pergunta por provas. Eu não preciso delas. Colocar as coisas no lugar certo pertence à minha própria natureza, que é *satyam, shivam, sundaram* (o verdadeiro, o bom e o belo).

P: Quando uma pessoa vem até você para um conselho e você lhe dá um conselho, de onde vem o conselho e por qual poder ele ajuda?

N: Seu próprio Ser afeta sua mente e induz a resposta.

P: E qual é o seu papel?

N: Em mim a pessoa e o seu Ser se unem.

P: Por que o Ser não ajuda a pessoa sem a sua presença?

N: Mas Eu sou o Ser. Você me imagina separado, daí a sua questão. Não existe “meu Ser” e “seu Ser”. Existe apenas o Ser, o Ser único no todos. Enganado pela diversidade de nomes e formas, mentes e corpos, você imagina múltiplos seres. Nós somos o Ser, mas você parece não se convencer disso. Essa fala de “um ser pessoal” e “um ser universal” é para o estágio inicial de aprendiz; vá além, não fique preso na dualidade.

P: Vamos voltar à pessoa que precisa de ajuda. Ele vem a você.

N: Se ele vem ele está certo de obter ajuda. Porque ele está destinado a obter ajuda, ele vem. Não há nada de fantasioso nisso. Eu não posso ajudar a alguns e recusar ajuda a outros. Todos que vêm são ajudados, pois assim é a lei. Apenas a forma que a ajuda toma varia de acordo com a necessidade.

P: Por que ele deve vir aqui para ser ajudado? Ele não pode obter ajuda de dentro dele?

N: Ele não ouvirá o de dentro. Sua mente está voltada para fora. Mas de fato toda experiência está na mente, e mesmo ele vir até mim e obter ajuda está tudo dentro dele mesmo. Em vez de encontrar uma resposta dentro dele mesmo, ele imagina uma resposta vinda de fora. Para mim

não existe nem a pessoa, nem eu, nem o dar. Tudo isso é apenas uma centelha na mente. Eu sou infinita paz e silêncio no qual nada aparece, pois tudo que aparece, desaparece. Ninguém vem para ser ajudado, ninguém vem oferece ajuda. Tudo é apenas aparência na consciência.

P: Ainda assim o poder de ajudar existe e existe alguém ou algo que mostra esse poder, chame de Deus ou Ser ou de Mente Universal. O nome não importa, mas o fato sim.

N: Esse é o ponto que o corpo-mente toma. A mente em silêncio vê as coisas como são – bolhas na consciência. Essas bolhas estão aparecendo, desaparecendo e reaparecendo – sem serem um verdadeiro Ser. Nenhuma causa em particular pode ser atribuída a elas, pois cada uma é causada por tudo e afeta a tudo. Cada bolha é um corpo e todos os corpos são meus.

P: Você quer dizer que você tem o poder de fazer tudo corretamente?

N: Não existe nenhum poder separado de mim. É inerente à minha própria natureza. Chame isso de criatividade. De uma massa de ouro você pode fazer muitos ornamentos – todos permanecem sendo ouro. De modo semelhante, em qualquer papel que Eu apareça e em qualquer função que Eu atue – Eu permaneço quem Eu sou: o “Eu sou” imutável, inabalável, independente. O que você chama de Universo, natureza é minha espontânea criatividade. O que quer que aconteça, acontece. Mas tal é minha natureza que tudo termina em alegria.

P: Conheço o caso de um menino que ficou cego porque sua mãe foi estúpida e deu a ele para beber álcool metílico. Estou lhe pedindo para ajudá-lo. Você está cheio de compaixão e, obviamente, pronto para ajudá-lo. Por que poder você o ajuda?

N: O caso dele está registrado na consciência. Está ali – indelevelmente. A Consciência vai operar.

P: Faz alguma diferença eu lhe pedir para ajudá-lo?

N: Seu pedir é parte da cegueira do menino. Porque ele é cego, você pede. Você não adicionou coisa alguma.

P: Mas sua ajuda será um fator novo.

N: Não. Tudo está contido na cegueira do menino. Tudo está nela – a mãe, o menino, você e eu e tudo o mais. É um só evento.

P: Você quer dizer que mesmo nossa conversa sobre o caso do menino, é tudo predestinado?

N: Que mais seria? Todas as coisas contêm seu futuro. O menino aparece na consciência. Eu estou além. Eu não dou ordens à consciência. Eu sei que pertence à natureza do acordar colocar as coisas em ordem. Deixe a consciência cuidar das suas criações! O sofrimento do menino, a sua dó, o meu escutar e o agir da consciência – tudo é um fato único – não o desmembre em seus componentes e então faça perguntas.

P: Quão estranho sua mente funciona.

N: Você é estranho, não eu. Eu sou normal. Eu sou sadio. Eu vejo as coisas como são, e portanto Eu não tenho medo delas. Mas você tem medo da realidade.

P: Por que eu teria?

N: É a ignorância de si mesmo que o faz ter medo e também não se dar conta de que tem medo. Não tente não ter medo. Derrube o muro da ignorância primeiro. As pessoas têm medo de morrer, porque não sabem o que é a morte. O sábio morreu antes da sua morte, ele sabe que não há nada para ter medo. No momento que você conhece o seu Ser verdadeiro, você não tem medo de nada. A morte dá liberdade e poder. Para ser livre no mundo, você deve morrer para o mundo. Então o Universo é você mesmo, se torna seu corpo, uma expressão e uma ferramenta. A felicidade de ser absolutamente livre é além de qualquer descrição. Por outro lado, aquele que tem medo da liberdade, não pode morrer.

P: Você quer dizer que quem não pode morrer, não pode viver?

N: Ponha isso do jeito que você preferir; apego é prisão, desapego é liberdade. Ansiar por algo é ser escravo.

P: Segue daí que se você está salvo, o mundo está salvo?

N: Como um todo, o mundo não necessita ser salvo. O ser humano se engana e cria sofrimento; quando entra no campo do acordar, na consciência do sábio, tudo é colocado em ordem. Tal é sua natureza.

P: Podemos observar o que é chamado de progresso espiritual. Uma pessoa egoísta se torna religiosa, controla a si mesmo, refina seus pensamentos e sentimentos, começa com práticas espirituais, realiza seu Ser verdadeiro. Tal progresso é regido pela causalidade? Ou é acidental?

N: Do meu ponto de vista tudo acontece por si mesmo, muito espontaneamente. Mas o ser humano acha que trabalha por um incentivo, em direção a uma meta. Tem sempre uma recompensa em mente, e se esforça para isso.

P: Uma pessoa crua, não-desenvolvida, não trabalhará se não tiver uma recompensa. Não está certo oferecer-lhe um incentivo?

N: Ela criará incentivos para si mesma, de qualquer maneira. Ela não sabe que crescer é da natureza da consciência. Ela progredirá de motivo em motivo e irá atrás de Gurus para o preenchimento de seus desejos. Quando pela lei de seu Ser eal encontra um caminho de retorno (*nivriti*), ela abandona todos os motivos, pois seu interesse no mundo desapareceu. Ela não quer nada – nem dos outros nem dela mesma. Ela morre para tudo e se torna Tudo. Nada querer e nada fazer – essa é a verdadeira criação. Assistir ao Universo nascer e desaparecer no próprio coração é uma maravilha.

P: O grande obstáculo para o esforço interior é o tédio. O discípulo fica entediado.

N: Inércia e inquietude (*tamas e rajas*) trabalham juntas e mantêm a clareza e a harmonia (*sattva*) escondida. Inércia e inquietude devem ser conquistadas para a clareza e harmonia poder aparecer. Tudo virá no seu tempo, muito espontaneamente.

P: Não há necessidade de esforço então?

N: Quando esforço é necessário, esforço aparecerá. Quando ausência de esforço se torna essencial, ela se imporá por si mesma. Você não precisa empurrar a vida. Somente flua com ela e se entregue completamente à tarefa do presente momento, a qual é o morrer agora para o agora. Pois viver é morrer. Sem morte a vida não pode ser. Aprenda o principal, que o mundo e o Ser são Um e perfeito. Somente sua atitude é errada e necessita correção. Esse processo, ou correção é o que se chama *sadhana* (prática). Você atinge isso colocando um fim na indolência e usando toda sua energia para limpar o caminho da clareza e da caridade. Mas em verdade esses são sinais de crescimento inevitável. Não tenha medo, não resista, não adie. Seja o que você é. Não existe nada para ter medo. Confie e prove. Experimente honestamente. Dê ao seu verdadeiro Ser a chance de moldar sua vida. Você não se arrependerá.

Cap 34 – A Mente é Inquieta em Si Mesma

Pergunta: Sou sueco de nascimento. Atualmente sou professor de Hatha Yoga no México e nos Estados Unidos.

Nisargadatta Maharaj: Onde você aprendeu Yoga?

P: Tive um professor nos EUA, um Swami indiano.

N: O que a Yoga deu para você?

P: Deu-me boa saúde e um meio de ganhar a vida.

N: Isso é bom. Isso é tudo que você quer?

P: Eu busco a paz da mente. Fiquei desgostoso com toda essa crueldade feita pelos assim chamados cristãos em nome de Cristo. Por algum tempo fiquei sem religião. Então eu me apeguei ao Yoga.

N: O que você ganhou?

P: Estudei a filosofia do Yoga e isso me ajudou.

N: De que maneira isso o ajudou? Por quais sinais você concluiu que você foi ajudado?

P: Boa saúde é algo bem tangível.

N: Sem dúvida que é muito agradável se sentir bem de saúde. O prazer é tudo que você espera do Yoga?

P: A alegria do bem estar é a recompensa do Hatha Yoga. Mas, em geral, o Yoga dá muito mais que isso. Responde muitas questões.

N: O que você quer dizer com Yoga?

P: O todo dos ensinamentos da Índia – evolução, reencarnação, karma, etc...

N: Está bem, você conseguiu todo o conhecimento que queria. Mas de que maneira você se beneficiou disso?

P: Deu-me paz da mente.

N: Deu mesmo? Sua mente está em paz? Sua busca acabou?

P: Não, não ainda.

N: Naturalmente. Não haverá fim para ela, porque não existe tal coisa, paz da mente. Mente significa perturbação, inquietação em si mesma é a mente. Yoga não é um atributo da mente, tampouco um estado mental.

P: Um pouco de paz eu obtive com o Yoga.

N: Examine cuidadosamente e você vai ver que a mente está em ebulição com pensamentos. Pode ficar em branco ocasionalmente, mas é por pouco tempo, então volta à sua inquietação usual. Uma mente acalmada não é uma mente em paz. Você diz que quer pacificar sua mente. E ele, o que quer pacificar a mente, ele mesmo é paz?

P: Não, não estou em paz. Peço ajuda ao Yoga.

N: Você não vê a contradição? Por muitos anos você procurou pela paz da mente. Você não pôde encontrá-la, pois algo essencialmente inquieto não pode estar em paz.

P: Existe alguma melhora.

N: A paz que você diz ter encontrado é muito friável, qualquer coisinha pode quebrá-la. O que você chama de paz é somente ausência de perturbação. Não é digna desse nome. A paz verdadeira não pode ser perturbada. Você pode reivindicar uma paz da mente que seja indestrutível?

P: Estou me esforçando.

N: Esforçar-se também é uma forma de inquietação.

P: O que sobra então?

N: O Ser não necessita ser posto em paz. O Ser é paz em si mesmo, não está em paz. Somente a mente é inquieta. Tudo que ela conhece é a inquietação, com seus muitos modos e graduações. O agradável é considerado superior e o doloroso é diminuído. O que chamamos

progresso é apenas a mudança do desagradável para o agradável. Mas as mudanças por elas mesmas nunca vão levar-nos ao imutável, pois tudo que tem um começo vai ter um fim. O real não tem começo, apenas se revela como sem começo e sem fim, onipresente, todo-poderoso, fonte primordial, atemporal, imutável.

P: Então, o que podemos fazer?

N: Através da Yoga você acumulou conhecimento e experiência. Isso não pode ser negado. Mas que utilidade isso tem para você? Yoga significa união, ligação. O que você reuniu, religou?

P: Estou tentando religar a personalidade ao Ser verdadeiro.

N: A personalidade (*vyakti*) não é senão um produto da imaginação. O Ser (*vyakta*) é vítima dessa imaginação. É esse pensar que é o que você não é, que o aprisiona. Não se pode dizer que a pessoa exista por si mesma; é o Ser que acredita que exista uma pessoa e está consciente de ser uma pessoa. Além do Ser (*vyakta*), existe o Não-Ser (*avyakta*), o imanifesto, O que não tem causa e é causa de tudo. Até mesmo falar em religar a pessoa com o Ser não é correto, porque não existe a pessoa, somente uma imagem mental dada a uma falsa realidade por convicção. Nada foi separado, nada há para unir.

P: Yoga ajuda na busca e no encontro do Ser.

N: Você pode encontrar o que você perdeu. Mas você não pode encontrar o que você não perdeu.

P: Se eu nunca tivesse perdido algo eu seria iluminado. Mas não sou. Estou buscando. Minha busca não é a própria prova de que eu perdi algo?

N: Apenas mostra que você acredita que perdeu algo. Mas, quem acredita nisso? E o que se acredita ter perdido? Você perdeu uma pessoa como você mesmo? O que é o Ser que você está buscando? O que exatamente você espera encontrar?

P: O verdadeiro conhecimento do Ser.

N: O verdadeiro conhecimento do Ser não é um conhecimento. Não é alguma coisa que você encontre pelo procurar, pelo buscar em todos os lugares. Não será encontrado no espaço e no tempo. Conhecimento é apenas memória, um padrão de pensamento, um hábito mental. Todo ele é motivado por prazer e dor. É porque você foi aguilhoado pelo prazer e pela dor que você busca o conhecimento. Ser você mesmo é completamente além de toda motivação. Você não pode ser você mesmo por alguma razão. Você É você mesmo, nenhuma razão é necessária.

P: Fazendo Yoga eu encontrarei a paz.

N: Pode haver paz aparte de você mesmo? Você está falando de sua própria experiência ou dos livros que leu? O conhecimento que vem dos livros é útil apenas no começo, mas logo deve ser abandonado, por uma experiência direta, a qual por sua própria natureza não se pode expressar em palavras. Palavras podem ser usadas para destruição também. Por palavras as

imagens são construídas, por palavras elas são destruídas. Você se colocou nesse presente estado pelo pensar verbal, você deve cair fora disso do mesmo modo.

P: Eu realmente consegui um certo grau de paz. Devo destruí-lo?

N: O que foi conseguido pode ser perdido novamente. Somente quando você realiza a paz verdadeira, a paz que você nunca perdeu, tal paz permanecerá com você, pois ela nunca foi embora. Em vez de buscar o que você não tem, descubra isso que você nunca perdeu. Isso que existe antes do começo e depois do fim de tudo. Isso para o quê não há nascimento, nem morte. O estado imutável, que não é afetado pelo nascimento e pela morte do corpo ou da mente, esse estado você deve perceber.

P: Quais são os meios para tal percepção?

N: Na vida não se pode ter nada sem superar obstáculos. Os obstáculos à percepção clara do próprio Ser verdadeiro são o desejo de prazer e o medo da dor. É a motivação prazer-dor que se coloca no meio. A própria liberdade de toda motivação, o estado no qual nenhum desejo aparece é o estado natural.

P: O abandonar os desejos é uma questão de tempo?

N: Se você deixa isso para o tempo milhões de anos serão necessários. Abandonar desejo por desejo é um processo longo que nunca tem um fim ao alcance da visão. Deixe em paz seus desejos e medos, dê sua atenção inteira ao sujeito, àquele que está por trás da experiência do desejo e do medo. Pergunte: Quem deseja? Deixe cada desejo trazê-lo de volta para você mesmo.

P: A raiz de todos os desejos e todos os medos é a mesma – a ânsia por felicidade.

N: A felicidade em que você pode pensar ou ansiar por, é mera satisfação física ou mental. Tal prazer sensorial ou mental não é a real, a absoluta felicidade.

P: Mesmo o prazer sensorial ou mental e o senso geral de bem-estar que vem com a saúde física e mental deve ter suas raízes na realidade.

N: Eles têm suas raízes na imaginação. Uma pessoa a quem foi dado uma pedra e assegurado que é um diamante sem preço, ficará por demais satisfeita até se dar conta do seu engano; da mesma maneira prazeres perdem seus perfumes e dores perdem seus espinhos quando o Ser é conhecido. Ambos são vistos como são de fato – respostas condicionais, mera reações, simples atrações e repulsões baseadas na memória ou nas preconcepções. Em geral dor e prazer são experimentados quando esperados. Tudo é questão de hábitos e convicções adquiridas.

P: Bem, o prazer pode ser imaginário. Mas a dor é real.

N: Dor e prazer estão sempre juntos. Liberdade de um significa liberdade de ambos. Se você não se importa com o prazer, você não terá medo da dor. Mas existe a felicidade que não é nem um nem outro, que é completamente além. A felicidade que você conhece é passível de descrição e de medida. É objetiva, por assim dizer. Mas o que é objetivo não pode ser você

mesmo. Seria uma falta grave você se identificar com alguma coisa externa. Esse misturar de níveis não leva a lugar algum. A realidade está além do subjetivo e do objetivo, além de todos os níveis, além de toda distinção. Definitivamente não está enraizada aí e não é essa sua origem ou fonte. Isso vem da ignorância da realidade, não da própria realidade, a qual é indescritível, além do Ser e do Não-Ser.

P: Muitos mestres eu tenho seguido e muitas doutrinas tenho estudado, mas nada me deu o que eu buscava.

N: O desejo de encontrar o Ser vai certamente se realizar, desde que você não queira nenhuma outra coisa. Mas você tem que ser honesto com você mesmo e realmente não querer nenhuma outra coisa. Se nesse meio-tempo você quer muitas outras coisas e está engajado na sua consecução, o seu propósito principal será adiado até você crescer em sabedoria e cessar de se dilacerar entre desejos contraditórios. Vá para dentro sem se desviar, sem nunca olhar para fora.

P: Mas meus desejos e medos ainda estão aqui.

N: Onde estão eles senão na sua memória? Se dê conta que suas raízes estão nas expectativas nascidas da memória – e eles cessarão de obsedá-lo.

P: Eu entendi muito bem que o serviço social é uma tarefa sem fim, porque melhoria e decadência, progresso e retrocesso vão lado a lado. Podemos ver isso em todos os lados e todos os níveis. O que resta?

N: Seja qual for o trabalho que você se comprometeu, termine-o. Não pegue novas tarefas, a menos que surjam de uma situação concreta de sofrimento e alívio do sofrimento. Descubra a Si mesmo primeiro, e bênçãos sem-fim se seguirão. Nada é tão lucrativo para o mundo como o abandono dos lucros. A pessoa que não pensa mais em termos de perdas e ganhos é a verdadeira pessoa não-violenta, pois está além de todo conflito.

P: Sim, eu sempre me senti atraído pela idéia de *ahimsa* (não-violência).

N: Primordialmente *ahimsa* significa “não machucar, não ferir”. Não é fazer o bem que vem em primeiro lugar, mas cessar de ferir, não acrescentar ao sofrimento. Agradar os outros não é *ahimsa*.

P: Não estou falando de agradar, mas sou totalmente por ajudar os outros.

N: A única ajuda que vale a pena de dar é livrar da necessidade de continuar precisando de ajuda. A ajuda repetida não é ajuda nenhuma. Não fale em ajudar o outro, a menos que você possa fazê-lo ficar além de toda necessidade de ajuda.

P: Como se fica além de toda necessidade de ajuda? Alguém pode ajudar o outro a fazer isso?

N: Quando você entender que toda existência em separação e limitação é dolorosa, e quando você estiver querendo e sendo capaz de viver integralmente, Um com toda a vida, como puro Ser, você ficou além de toda necessidade de ajuda. Você pode ajudar o outro por proposições e

exemplos e, acima de tudo, pelo seu próprio Ser. Você não pode dar o que você não tem, e você não tem o que você não é. Você pode apenas dar o que você é – e disso você pode dar sem limites.

P: Mas, é verdade que toda existência é dolorosa?

N: Que mais poderia ser a causa dessa busca universal de prazer? Um ser humano feliz procura a felicidade? Quão inquietas as pessoas são, sempre se movimentando para lá e para cá! É por que estão sofrendo que buscam alívio no prazer. Toda a felicidade que podem imaginar está na certeza do prazer repetido.

P: Se o que sou, assim como sou, a pessoa que eu penso que sou, não pode ser feliz, então o que posso fazer?

N: Você pode apenas deixar de ser o que você parece ser agora. Não há nada de cruel no que estou dizendo. Acordar alguém de um pesadelo é compaixão. Você veio aqui por que você está sofrendo, e tudo que digo é: “Acorde, conheça a Si mesmo, Seja você mesmo”. O fim do sofrimento não está no prazer. Quando você se dá conta que você É além de todo prazer e toda dor, livre e inatingível, então a busca pela felicidade termina o sofrimento resultante também. Pois a dor almeja o prazer, e o prazer termina em dor, implacavelmente.

P: No estado último não existe felicidade?

N: Nem sofrimento. Somente liberdade. Felicidade depende de uma coisa ou outra, e pode ser perdida; liberdade de tudo não depende de nada e não pode ser perdida. Liberdade do sofrimento não tem causa e, portanto, não pode ser destruída. Realize essa liberdade.

P: Não nasci para sofrer devido ao meu passado? A liberdade é possível, afinal? Nasci pelo meu próprio querer? Não sou apenas uma criatura?

N: O que é o nascimento e a morte senão o começo e o fim de uma corrente de eventos na consciência? Por causa da idéia de separação e limitação eles são dolorosos. O alívio momentâneo da dor nós chamamos de prazer – e construímos castelos no ar ansiando por um prazer sem-fim que chamamos de felicidade. É tudo engano e abuso. Acorde, vá além, viva realmente.

P: Meu conhecimento é limitado, meu poder desprezível.

N: Sendo a fonte de ambos o Ser está além do conhecimento e do poder. O que pode ser observado está na mente. A natureza do Ser é puro dar-se conta, puro observar, nunca afetado pela presença ou ausência de conhecimento ou preferência. Tenha o seu Ser fora desse corpo de nascimento e morte e todos seus problemas se solucionarão. Eles existem porque você acredita que nasceu para morrer. Não se engane e seja livre. Você não é uma pessoa.

Cap 35 – (pág 150 – 152)

Pergunta: O que está errado com o Universo?

Nisargadatta Maharaj: Esquecer o Ser é o maior dano. Todas as calamidades fluem a partir daí. Cuide do mais importante e o menos importante será cuidado por si mesmo. Você não arruma um quarto escuro. Você abre a janela, primeiro. Deixar entrar a luz torna tudo mais fácil. Assim, vá devagar com a idéia de melhorar os outros até que possamos nos ver como somos – e tivermos nos transformados. Não há necessidade de ficar rodando e rodando questionando tudo ininterruptamente; descubra-se a si mesmo e tudo está no seu devido lugar.

P: A urgência de retornar à Fonte é bastante rara, ela não é natural, é?

N: Ir para fora é natural no começo, ir para dentro, no fim. Mas na realidade os dois movimentos são um só, assim como expirar e inspirar são um só movimento.

P: Da mesma maneira não é que o corpo e o que habita o corpo são um só?

N: Os eventos no tempo e no espaço – nascimento e morte, causa e efeito – podem ser considerados um só; mas o corpo e o que está no corpo não pertencem à mesma ordem de realidade. O corpo existe no tempo e no espaço, transiente e limitado, enquanto o que habita no corpo é fora do tempo e do espaço, eterno e onipresente. Identificar os dois é um erro grave e a causa de sofrimentos sem-fim. Você pode falar do corpo e da mente como um, mas o corpo-mente não é a realidade subjacente.

P: Seja quem for o que habita o corpo está no controle do corpo e, portanto, é o responsável.

N: Existe um poder universal o qual está no controle e é o responsável.

P: Então, posso fazer o que quiser e por a culpa em algum poder universal? Que fácil!

N: Sim, muito fácil. Somente se dê conta do Um que move por trás do que é movido e deixe tudo com Ele. Se você não hesitar, ou trapacear, esse é o caminho mais curto para a realidade. Erga-se sem desejo e sem medo, abra mão de todo controle e toda responsabilidade.

P: Que loucura!

N: Sim, divina loucura. O que tem de errado em abrir mão da ilusão do controle pessoal e da responsabilidade pessoal? Ambos são apenas coisas da mente. Naturalmente, assim que você se imagina no controle, você também se imagina sendo responsável. Uma coisa implica a outra.

P: Como pode o universal ser responsável pelo particular?

N: Toda a vida na terra depende do sol. Ainda assim você não pode por a culpa no sol por tudo que acontece, embora ele seja a causa primeva. A luz causa a cor da flor, mas nem controla nem é responsável por ela diretamente. Ela torna possível, e isso é tudo.

P: O que não gosto em tudo isso é o se refugiar em algum poder universal.

N: Você não pode brigar com fatos.

P: Que fatos? Os seus ou os meus?

N: Seus. Você não pode negar os meus, pois você não os conhece. Se pudesse conhecê-los, não os negaria. Este é o problema. Você toma sua imaginação por fatos e meus fatos por imaginação. Eu sei com certeza que tudo é Um. As diferenças não separam. Ou você é responsável por nada ou por tudo. Imaginar que você é responsável por apenas um corpo é uma aberração do corpo-mente.

P: Ainda assim você é limitado pelo seu corpo.

N: Somente nos assuntos que pertencem ao corpo. Isso não tem importância. É como atravessar as estações do ano. Elas vem, elas passam – e praticamente não me afetam. Da mesma maneira corpo-mente vem e passa – a vida está sempre buscando novas formas de expressão.

Cap 37 – (pág 162)

Pergunta: Passado e futuro, memória e imaginação, são estados mentais, mas isso é tudo que conheço e acontecem agora. Você está me dizendo para abandoná-los. Como a pessoa abandona o agora?

Nisargadatta Maharaj: Você está se movendo para o futuro todo o tempo quer você goste disso ou não.

P: Estou-me movendo do agora para o agora – Não estou me movendo, afinal. Todo o resto se move, não eu.

N: Certo. Mas sua mente se move. No agora você é tanto o móvel quanto o imóvel. Até agora você acha que é o móvel e passa por cima do imóvel. Vire sua mente do avesso. Passe por cima do móvel e você descobrirá que você é a sempre presente, imutável realidade, inexprimível, mas sólida como uma rocha.

P: Se isto é assim agora, por que não me dou conta disso?

N: Porque você se agarra à idéia de que você não se dá conta disso. Abra mão da idéia.

P: Isso não me faz me dar conta.

N: Espere. Você quer estar dos dois lados do muro ao mesmo tempo. Você pode, mas você tem que remover o muro. Ou se dar conta de que o muro e ambos os lados do muro são um único espaço, ao qual não se aplica nenhuma idéia de “aqui” e “lá”.

P: Analogias não provam nada. Minha única queixa é esta: por que não vejo o que você vê? Por que suas palavras não soam verdadeiras na minha mente? Deixe-me conhecer esse tanto,

todo o resto pode esperar. Você é sábio e eu sou estúpido. Você vê, eu não. Onde e como eu vou encontrar minha sabedoria?

N: Se você sabe que você é estúpido, você não é estúpido, afinal.

Cap 38 – Prática Espiritual é o Querer Afirmado e Reafirmado

Pergunta: Os ocidentais que ocasionalmente vêm aqui vê-lo, se deparam com uma dificuldade peculiar. A própria noção de um homem livre, um homem realizado, que conhece a Si mesmo, realiza Deus, um homem além do mundo, é desconhecida para eles. Tudo que eles têm na sua cultura cristã é a idéia de um santo, um homem pio, cumpridor da lei, temente de Deus, companheiro amável, que muito ora, de vez em quando experimenta êxtases, confirmados por alguns milagres. A própria idéia de um sábio (*gnani*) é estranha para a cultura ocidental, alguma coisa exótica e inacreditável. Mesmo que sua existência seja aceita a figura do sábio é vista com suspeita, como um caso de euforia auto-induzida, causada por algumas estranhas posturas físicas e atitudes mentais. A própria idéia de uma diferente dimensão na consciência parece a eles implausível e improvável. (*Este diálogo é anterior a 1973 – NT*).

O que os ajudaria seria a oportunidade de ouvir um sábio relatar sua própria experiência de realização, suas causas, seus princípios, seus progressos e conquistas e sua prática de verdade na vida do dia-a-dia. Muito do que disser pode permanecer estranho, e mesmo sem sentido, ainda assim ficará um sentimento de realidade, uma atmosfera de experiência verdadeira, infável, mas muito real, um centro de onde se pode viver uma vida exemplar.

Nisargadatta Maharaj: A experiência talvez seja incomunicável. Pode-se comunicar uma experiência?

P: Sim, se a pessoa é um artista. A essência da arte é a comunicação de sentimento, de experiência.

N: Para receber a comunicação você tem que ser receptivo.

P: Claro. Tem que haver quem receba. Mas se o transmissor não transmite, qual a função de quem recebe?

N: O sábio pertence a todos. Ele se dá incansavelmente, e completamente para quem quer que venha a ele. Se ele não é um doador, ele não é um sábio. Tudo que ele tem, ele compartilha.

P: Mas ele pode compartilhar o que ele é?

N: Você pergunta se ele pode fazer os outros se tornarem sábios? Sim e não. Não, porque os sábios não são feitos, ele se dá conta de que é, quando retorna à Fonte, sua verdadeira natureza. Não posso fazer você se tornar o que você já é. Tudo que posso fazer é contar para você o caminho que segui e convidá-lo a trilhá-lo.

P: Isso não responde minha questão. Tenho em mente os críticos e céticos ocidentais que negam a própria possibilidade de experienciar altos estados de consciência. Recentemente as drogas abriram uma brecha nessa crença, sem afetar sua aparência materialista. Com drogas ou

sem drogas o corpo continua sendo o fator primário e a mente o secundário. Além da mente eles não vêem nada. De Buda em diante o estado de realização do Ser que se é tem sido descrito em termos negativos, como “não é isto”, “não é aquilo”; isso é inevitável? Será que não é possível ilustrar isso de algum modo, se não se pode descrever, e eu admito, nenhuma descrição verbal será suficiente, quando o estado a ser descrito é além das palavras. Ainda assim poderá caber em palavras. Poesia é a arte de colocar em palavras o inexprimível.

N: Não existe falta de poetas religiosos. Se volte para eles para encontrar o que você quer. No que me concerne, meu ensinamento é simples: confie em mim por um instante e experimente com o que lhe falo. Se você perseverar você verá que sua confiança teve razão de ser.

P: E o que fazer com as pessoas que estão interessadas mas não podem confiar?

N: Se eles puderem ficar aqui comigo eles chegarão a confiar em mim. Uma vez que eles confiem, eles aceitarão minhas sugestões, e descobrirão por si mesmos.

P: Não é pela prática que estou exatamente perguntando agora, mas pelos resultados. Você tem os dois. Você tem vontade de nos contar tudo sobre a prática, mas quando se trata dos resultados você se recusa a compartilhar. Ou você nos fala que seu estado é além das palavras, ou que não há diferença nenhuma entre você e nós, que onde enxergamos diferenças você não vê nenhuma. Em ambos os casos nós somos deixados sem nenhum *insight* do seu estado.

N: Como você que ter um *insight* do meu estado quando você não tem um *insight* do seu próprio estado? Quando o próprio instrumento do *insight* está faltando, não é importante encontrá-lo primeiro? É como um homem cego querendo aprender sobre as cores do pintar sem recuperar a visão primeiro. Você quer conhecer meu estado – mas você conhece o estado da sua mulher ou do seu empregado?

P: Estou querendo apenas algumas dicas.

N: Bem, eu lhe dei uma chave muito significativa – onde você vê diferenças eu não vejo nenhuma. Para mim é o bastante. Posso apenas repetir: é o bastante. Aprofunde isso e você chegará a ver o que eu vejo. Você parece querer um *insight* instantâneo, esquecendo que o instante é sempre precedido por uma intensa preparação. O fruto cai derrepente, mas amadurecer leva tempo. Além disso, quando falo de confiar em mim, é somente por um curto espaço de tempo, somente o tempo suficiente para você começar a se mover. Quanto mais determinado você é, menos acreditar você precisa, pois logo você verá que sua fé foi justificada. Você quer que eu prove para você que eu sou de confiança. Como posso fazer isso e por quê o faria? Afinal, o que estou lhe oferecendo é a abordagem operacional, tão comum na ciência ocidental. Quando um cientista descreve um experimento e seus resultados, geralmente você aceita suas afirmações em confiança, e repete seu experimento da forma como ele o descreve. Quando você encontra o mesmo resultado, ou similar, você não precisa confiar mais nele, você pode confiar na sua própria experiência. Encorajado, você procede e chega no fim a resultados substancialmente idênticos.

P: A mente indiana está pronta para experimentos metafísicos por criação e cultura. Para os indianos, palavras como “percepção direta da Realidade Suprema” faz sentido e produz respostas que vem das verdadeiras profundezas de seu Ser. Elas significam muito pouco para

os ocidentais. Mesmo quando cresceu dentro de sua particular fé cristã eles não vão além da conformidade com os mandamentos de Deus e as prescrições de Cristo. O conhecimento em primeira mão da Realidade não está somente além das suas ambições, mas está também além das suas concepções. Alguns indianos me falam: “Sem chance. Os ocidentais não querem pois eles nem podem. Não fale nada a eles sobre auto-realização, deixe-os viverem uma vida útil e merecer um renascimento na Índia, então eles terão uma chance”. Outros dizem: “A realidade é para todos igualmente, mas nem todos estão igualmente de posse de capacidades para apreendê-la. A capacidade vem com o desejar, que crescerá e se tornará devoção e finalmente se tornará dedicação total. Com integridade e seriedade, e uma férrea determinação de superar todos os obstáculos, os ocidentais têm a mesma chance que os orientais. Tudo que precisam é o despertar do interesse”. Para que tenham despertado o interesse em autoconhecimento, precisam ser convencidos da sua vantagem.

N: Você acredita que é possível transmitir uma experiência pessoal?

P: Não sei. Você fala de unidade, de identidade do observador e da coisa observada. Quando tudo é um, comunicação deveria ser exequível.

N: Para se ter a experiência direta de um país a pessoa precisa ir e viver lá. Não peça o impossível. A vitória espiritual de um ser humano sem dúvida beneficia a humanidade, mas para beneficiar outro indivíduo uma relação bem próxima e pessoal é requerida. Tal relação não é acidental e nem todo mundo pode reivindicar isso. Por outro lado, a abordagem científica é para todo mundo. “Confie-prove-sinta o gosto”. Que mais você precisa? Por que enfiar a Verdade goela abaixo de quem não quer? De qualquer modo, isso nem pode ser feito. Sem quem receba o que quem dá pode fazer?

P: A essência da arte é usar uma forma exterior para transmitir uma experiência interior. Naturalmente, a pessoa deve ser sensível ao interior, antes que o exterior venha a ser significativo. Como se pode crescer em sensibilidade?

N: De qualquer modo que você coloque isso, vem a dar no mesmo. Existem muitos doadores, onde estão os que vão receber?

P: Você pode compartilhar sua própria sensibilidade?

N: Sim, eu posso, mas compartilhar é uma rua de mão dupla. Dois são necessários no compartilhar. Quem quer receber o que eu quero dar?

P: Você diz que somos um. Isso não é o bastante?

N: Eu sou um com você. Você é um comigo? Se você é você não fará perguntas. Se você não é, você não vê o que eu vejo. O que posso fazer além de lhe mostrar o meio de melhorar sua visão?

P: O que você não pode dar é que não é seu.

N: Não reivindico nada como meu. Quando o eu não está, onde está o meu? Duas pessoas olham para uma árvore. Um deles vê um fruto maduro escondido entre as folhagens e o outro

não vê. Não existe outra diferença entre os dois. O que vê sabe que com um pouco de atenção o outro também irá ver, mas a questão de compartilhar não se coloca. Acredite-me, não sou um mão-fechada, guardando comigo a sua parte da realidade. Ao contrário, sou todo seu, coma-me e beba-me. Mas enquanto você fica repetindo verbalmente: “me dá, me dá”, você não pega o que lhe é oferecido. Estou lhe mostrando um caminho rápido e fácil de ser capaz de ver o que eu vejo, mas você se agarra aos seus velhos hábitos de pensamento, de sentimento e de ação, e coloca toda culpa em mim. Eu não tenho nada que você não tenha. Autoconhecimento não é uma propriedade privada a ser oferecida e aceita. É uma dimensão totalmente nova, onde não há nada para dar ou pegar.

P: Dê-nos ao menos um *insight* dos conteúdos da sua mente na sua vida cotidiana. Comer, beber, falar, dormir – como é isso para você?

N: As coisas comuns da vida eu as experimento igual a você. A diferença está no que eu não experimento. Não experimento medo ou ganância, ódio ou raiva. Não peço nada, não recuso nada, não guardo nada. Nessas coisas eu não faço concessão. Talvez essas sejam as diferenças mais importantes entre nós. Não faço concessões. Sou fiel ao Ser que sou, enquanto você tem medo da realidade.

P: Do ponto de vista ocidental existe alguma coisa perturbadora no seu modo de ser. Sentar-se em um canto, sozinho, e ficar repetindo: “Eu sou Deus, Deus eu sou” parece ser pura loucura. Como convencer um ocidental de que essas práticas levam à suprema sanidade?

N: O ser humano que reivindica ser Deus e o ser humano que duvida disso, estão ambos iludidos. Eles falam sonhando.

P: Se tudo é sonho, o que é acordar?

N: Como descrever o estar acordado em linguagem da terra dos sonhos? Palavras não o descrevem, são apenas símbolos.

P: Novamente a mesma desculpa de que as palavras não podem transmitir a realidade.

N: Se você quer palavras, posso lhe dar algumas das antigas palavras de poder. Repita qualquer delas incessantemente, elas podem fazer maravilhas.

P: Sério? Vocêalaria para um ocidental repetir “*Om*” ou “*Ram*” ou “*Hare Krishna*” incessantemente, embora ele não tenha completa fé nem a convicção nascida do fundo cultural e religioso apropriado? Sem confiança e fervor, repetir mecanicamente o mesmo som, fará com que ele encontre algo?

N: Por que não? É o anseio, o motivo oculto o que importa, não a forma que ele toma. O que quer que ele faça, se ele o faz pelo motivo de encontrar seu Ser verdadeiro, isso o trará para Si mesmo.

P: Não há necessidade de fé na eficácia dos meios?

N: Nenhuma necessidade de fé, o que não é senão expectativa de resultados. Aqui, apenas a ação conta. O que quer que você faça por amor à verdade o levará à verdade. Apenas seja sério e honesto. A forma que isso toma raramente importa.

P: Então, qual a necessidade de expressar os próprios anseios?

N: Nenhuma necessidade. Não fazer nada é igualmente bom. Mero ansiar, não diluído pelo pensamento ou pela ação; puro, concentrado anseio, o levará rapidamente à sua meta. É o verdadeiro motivo o que importa, não a maneira.

P: Inacreditável. Como pode uma repetição tediosa e monótona, próxima ao desespero, ser efetiva?

N: O próprio fato de repetir, de se esforçar, resistência e perseverança, apesar do tédio e do desespero, e completa falta de convicção é realmente crucial. Não são importantes em si mesmas, mas a sinceridade por trás delas é totalmente importante. Tem que existir um empurrão de dentro e um puxão de fora.

P: Minhas questões são típicas do ocidente. Lá as pessoas pensam em termos de causa e efeito, meios e fins. Eles não podem ver uma conexão causal entre uma palavra em particular e a Realidade Absoluta.

N: Não há nenhuma mesmo. Mas existe uma conexão entre a palavra e seu significado, entre a ação e seu motivo. Prática espiritual é o querer afirmado e reafirmado. Quem não tem a coragem não irá aceitar o real nem que lhe seja oferecido. Não querer nascido do medo é o único obstáculo.

P: O quê se pode temer?

N: O desconhecido. O não-ser, não-conhecer, não-fazer. O além.

P: Você quer dizer que enquanto você pode compartilhar a maneira de atingir suas conquistas, você não pode compartilhar os frutos?

N: naturalmente que posso compartilhar os frutos, e estou fazendo isso todo o tempo. Mas a minha é uma linguagem silenciosa. Aprenda a ouvir e a entender.

P: Não vejo como se pode começar sem convicção.

N: Fique comigo algum tempo, ou entregue sua mente ao que digo e faço e a convicção nascerá.

P: Nem todo mundo tem a chance de encontrá-lo.

N: Encontre a Si mesmo. Fique consigo mesmo, ouça seu próprio Ser, obedeça a Si mesmo, aprecie-Se, tenha-Se sempre em mente incessantemente. Você não necessita nenhum outro guia. Tanto quanto seu anseio pela verdade afete sua vida cotidiana, tudo está bem com você. Viva sua vida sem ferir a ninguém. Não causar dano é a forma mais poderosa de Yoga e levará

você rapidamente à sua meta. Isso é o que eu chamo de *nisarga* yoga, o yoga Natural. É a arte de viver em paz e harmonia, em amizade e amor. O fruto disso é a felicidade, sem causa e sem fim.

P: Mesmo assim, tudo isso pressupõe alguma fé.

N: Volte-se para dentro e você chegará a confiar em Si mesmo. Em tudo o mais, confiança vem com experiência.

P: Quando alguém me diz que sabe de algo que não sei, tenho o direito de perguntar: “o que é isso que você sabe que eu não sei?”

N: E se ele lhe diz que não pode ser transmitido em palavras?

P: Então vou observá-lo de perto e procurar compreender.

N: E isso é exatamente o que eu quero que você faça. Seja interessado, dê atenção, até que uma corrente de compreensão mútua se estabeleça. Então o compartilhar será fácil. De fato, toda realização é somente compartilhar. Você entra em uma consciência mais ampla e compartilha dela. Não querer entrar nela e compartilhar dela, é o único obstáculo. Nunca falo de diferenças, pois para mim não há nenhuma. Você sim, assim depende de você mostrá-las para mim. De qualquer modo possível, mostre-me as diferenças. Para isso você terá que me compreender, mas então você não mais falará de diferenças. Compreenda bem uma coisa, e você terá chegado. O que o impede de conhecer não é a falta de oportunidade, mas a falta de habilidade de focar em sua própria mente o que você quer compreender. Se você apenas pudesse sustentar na mente o que você não conhece, isso iria lhe revelar seus segredos. Mas se você é superficial e impaciente, não determinado o bastante para observar e esperar, você é como uma criança chorando pela lua.

Cap 39 – (pág 177)

Nisargadatta Maharaj: Sentimento é também um estado da mente. Assim como um corpo saudável não pede atenção, assim também o incondicionado, livre da experiência, não pede atenção. Pegue a experiência da morte. O ser humano comum tem medo da morte, porque ele tem medo de mudança. O sábio não tem medo da morte porque sua mente já está morta. Ele não pensa: “Eu vivo”. Ele sabe: “A vida existe”. Não existe mudança, nem morte, nela. A morte parece ser uma mudança no tempo e no espaço. Onde não existe nem tempo nem espaço, como pode existir morte? O sábio já está morto para nome e forma. Como pode afetá-lo perder isso? O ser humano em um trem viaja de lugar para lugar, mas o ser humano que não está no trem não vai a lugar nenhum, pois ele não está preso a um destino. Ele não tem lugar algum para ir, nada para fazer, nada para se tornar. Todo aquele que faz planos nascerá para executá-los. Aquele que não tem planos não necessita nascer.

Cap 40 – Só o Ser é Real

Nisargadatta Maharaj: O mundo não é senão um espetáculo de teatro, resplandecente e vazio. Ele existe e ainda assim não existe. Ele existe tanto quanto eu quero vê-lo e quero tomar parte nele. Quando eu deixo de me importar, ele se dissolve. Ele não tem causa, e não serve a nenhum propósito. Somente acontece quando estamos desligados. Ele aparece exatamente como parece, mas não tem profundidade, nem sentido. Somente o observador é real, chame-o de Ser ou de *Atma*. Para o Ser o mundo não é senão um espetáculo colorido, que ele aprecia por tanto tempo quanto durar, e esquece, quando acabar. O que quer que aconteça no palco o faz tremer de terror ou rolar de rir, ainda assim, durante todo o tempo ele está acordado para o fato de que não é senão um espetáculo, sem desejo e sem medo ele o aprecia, assim como é.

Pergunta: A pessoa imersa no mundo tem uma vida de muitos sabores. Ela chora, ela ri, ama e odeia, deseja e tem medo, sofre e se alegra. O sábio sem desejos e sem medos, que vida ele tem? Ele não morre seco nas alturas, em sua indiferença?

N: Seu estado não é tão desolado assim. Ele tem o sabor da pura bênção que não tem causa e que nunca se dissolve. Ele é feliz e totalmente acordado para o fato que felicidade é sua própria natureza, e que ele não precisa fazer nada, nem se esforçar nem um pouco para mantê-la. Ela o acompanha mais real que próprio corpo, mais de perto que a própria mente. Você pensa que sem causa não pode existir felicidade. Para mim, dependência de alguma coisa para felicidade é rematada infelicidade. A dor e o prazer têm causas, enquanto meu estado é meu mesmo, totalmente sem causa, independente, indestrutível.

P: Como uma peça no palco?

N: A peça foi escrita, planejada e ensaiada. O mundo simplesmente existe, jorrando a partir de nada e retornando ao nada.

P: Não existe um criador? O mundo não estava na mente de *Brahma* antes de ser criado?

N: Fora do meu estado de ser você terá Criadores, Preservadores e Destruidores, mas uma vez comigo você conhecerá apenas o Ser que você é e Se verá em tudo.

P: Você funciona, apesar de tudo.

N: Quando você está tonto você vê o mundo girando à sua volta. Obcecado pela idéia de meios e fins, de trabalho e propósito, você me vê aparentemente funcionando. Em realidade eu apenas observo. O que quer que aconteça, acontece no palco. Alegria e tristeza, vida e morte, são reais para o ser humano aprisionado; para mim são apenas partes do espetáculo, tão irreais quanto o próprio espetáculo. Posso perceber o mundo exatamente como você, mas você acredita ser parte dele, enquanto eu o vejo apenas como uma gota luminescente na vasta expansão da consciência.

P: Estamos todos ficando velhos. A velhice não é agradável – tudo dói e fere, a fraqueza e a aproximação do fim. Como um sábio se sente como um homem idoso? Como seu Ser observa sua própria senilidade?

N: À medida que fica mais velho ele fica mais e mais feliz e em paz. Afinal, ele está indo para casa. Como um viajante se aproximando de seu destino e pegando sua bagagem, ele deixa o trem sem pesar.

P: Certamente existe uma contradição aí. É falado que o sábio está além de toda mudança. Sua felicidade nem cresce nem diminui. Como ele pode ficar mais feliz com a idade? E isso apesar da fraqueza física, etc...

N: Não existe contradição. O fio do destino vai chegando ao seu fim – a mente está feliz. A névoa da existência corporal está se erguendo – o peso do corpo está diminuindo dia à dia.

P: Suponhamos que o sábio está doente. Ele está resfriado e todas suas juntas doem. Qual é seu estado mental?

N: Cada sensação é contemplada em perfeita equanimidade. Não existe desejo de alguma coisa nem recusa. Tudo é como é e ele observa tudo com um sorriso afetuoso e desapegado.

P: Ele pode estar desapegado de seu sofrimento, mas ainda o sofrimento está lá.

N: Está ali, mas não tem importância. Qualquer que seja o estado em que eu me encontre eu o vejo como um estado mental a ser aceito assim como é.

P: Dor é dor. Você a experimenta assim mesmo.

N: Aquele que experimenta o corpo, experimenta todas suas dores e prazeres. Eu não sou nem o corpo nem o que experimenta o corpo.

P: Vamos supor que você tem 25 anos de idade. Seu casamento é arranjado, e os deveres da casa se avolumam sobre você. Como você se sentiria?

N: Exatamente como me sinto agora. Você continua insistindo que meu estado de Ser é modelado por acontecimentos exteriores. Não é assim. Qualquer coisa que aconteça eu permaneço. A raiz do meu Ser é pura atenção, um raio de luz muito intensa. Esse raio, por sua própria natureza, irradia e cria imagens no espaço e eventos no tempo – sem esforço e espontaneamente. Enquanto ele está simplesmente atento não há problemas. Mas quando aparece a mente discriminativa, criando distinções, dor e prazer vêm à tona. Durante o sono a mente está em suspensão e assim também estão dor e prazer. O processo de criação continua, mas não é notado. A mente é uma forma de consciência, e a consciência é um aspecto da vida. A vida é criadora de tudo, mas o Supremo está além de tudo.

P: O Supremo é o mestre e a consciência é seu servo.

N: O mestre está na consciência, não além dela. Em termos da consciência o Supremo é tanto criação como dissolução, concretude e abstração, o focal e o universal. E não é nada disso. As palavras não o alcançam, nem a mente.

P: O sábio parece ser muito solitário, todo consigo mesmo.

N: Ele é sozinho, mas ele é o todo. Ele não é nem mesmo um ser. Ele é o Ser de todos os seres. Nem mesmo isso. Nenhuma palavra se aplica. Ele é o que é, o campo onde tudo aparece.

P: Você não tem medo de morrer?

N: Vou lhe contar como o Guru do meu Guru morreu. Após anunciar que seu fim estava próximo, ele parou de comer, sem mudar sua rotina de vida cotidiana. No décimo-primeiro dia ele estava cantando e batendo palmas vigorosamente na hora da oração e, subitamente, morreu. Exatamente assim, entre dois movimentos, como uma vela soprada. Todo mundo morre como vive. Não tenho medo da morte porque não tenho medo da vida. Vivo uma vida feliz, e morrerei uma morte feliz. Infelicidade é nascer, não morrer. Tudo depende de como você olha para isso.

P: Não existe evidência do seu estado. Tudo que eu sei é o que você conta. Tudo que vejo é um velho muito interessante.

N: Você é o velho interessante, não eu. Eu nunca nasci. Como posso envelhecer? O que eu pareço ser para você está apenas na sua mente. Eu não sou responsável por isso.

P: Mesmo como um sonho, você é um sonho bastante incomum.

N: Sou um sonho que pode acordá-lo. Você terá a prova disso no próprio acordar.

P: Imagine que chegam notícias de que morri. Alguém lhe conta: “Você conhece tal e tal? Ele morreu”. Qual seria sua reação.

N: Eu ficaria muito feliz de tê-lo de volta ao lar. Realmente alegre de ver você fora dessa tolice.

P: Que tolice?

N: De pensar que você nasceu e que vai morrer; de que você é um corpo com uma mente e todo esse tipo de insensatez. No meu mundo ninguém nasce e ninguém morre. Algumas pessoas saem para uma viagem e voltam, alguns nunca saem. Que diferença faz, já que eles viajam na terra dos sonhos, cada um envolvido em seu próprio sonho? Apenas o acordar é importante. É suficiente conhecer o “Eu sou”, que é a realidade e, também, amar.

P: Minha abordagem não é assim absoluta, daí minha questão. Por todo o ocidente as pessoas estão em busca de algo real. Eles se voltam para a ciência, o que lhes conta muito acerca da matéria, um pouquinho acerca da mente, e nada à respeito da natureza e propósito da consciência. Para eles a realidade é objetiva, fora do que é observável e do que é descritível, diretamente ou por inferência; acerca do aspecto subjetivo da realidade eles não sabem nada. É extremamente importante que eles saibam que existe a realidade, e que pode ser encontrada na consciência livre da matéria e de suas distorções e limites. A maioria das pessoas no mundo não sabe que existe uma realidade que pode ser encontrada e experimentada na consciência. Parece ser muito importante que eles possam ouvir as boas novas por alguém que realmente a experimentou. Esses observadores sempre existiram e seus testemunhos são muito preciosos.

N: Naturalmente. O evangelho do autoconhecimento uma vez ouvido nunca será esquecido. Como uma semente deixada na terra, ele espera a estação propícia e brota, cresce, se torna uma árvore poderosa.

Cap 41 – Desenvolva a Atitude do Observador

Pergunta: Qual é o estado mental diário de um homem realizado? Como ele vê, ouve, come, bebe, acorda e dorme, trabalha e descansa? Que provas existem de que seu estado é diferente do nosso? Aparte do testemunho verbal da assim chamada pessoa realizada, não existem meios de verificar seu estado objetivamente. Existem algumas diferenças observáveis em suas respostas fisiológicas e nervosas, seu metabolismo, ondas cerebrais, ou em sua estrutura psicossomática?

Nisargadatta Maharaj: Você talvez encontre diferenças ou não. Tudo depende de sua capacidade de observação. As diferenças objetivas são, entretanto, as menos importantes. O que importa são suas atitudes, que são de total desapego, indiferença e não-envolvimento.

P: Um sábio sofre quando seu filho morre? Não fica triste?

N: Ele sofre com aqueles que sofrem. O evento em si é o menos importante, mas ele tem muita compaixão pelo ser que sofre, vivo ou morto, no corpo ou fora dele. Afinal, amor e compaixão são sua verdadeira natureza. Ele é um com tudo que vive, e amor é essa unidade em ação.

P: As pessoas têm muito medo da morte.

N: O sábio não tem medo de nada. Mas ele tem pena de quem tem medo. Afinal, nascer, viver e morrer é natural. Ter medo, não. É dada atenção ao evento, naturalmente.

P: Imagine que você está doente – febre alta, dores, tremores. O médico diz que sua condição é séria, restam apenas alguns dias de vida. Qual seria sua primeira reação?

N: Nenhuma reação. Assim como é natural para o bastão de incenso queimar até o fim, assim é natural para o corpo morrer. Realmente isso tem muito pouca importância. O que importa é que não sou nem o corpo nem a mente. Eu sou.

P: Sua família ficará desesperada, naturalmente. O que você falaria para eles?

N: As coisas de sempre: não tenham medo, a vida continua, Deus protegerá vocês, logo estaremos juntos novamente, etc. Mas para mim toda a comoção não tem nenhum sentido, pois não sou a entidade que se imagina viva ou morta. Eu nem nasci nem posso morrer. Não tenho nada para lembrar ou esquecer.

P: E que você diz de rezar pelos mortos?

N: Por todos os meios, rezem pelos mortos. Isso os agrada muito. Se sentem lisonjeados. O sábio não necessita de suas rezas. Ele é a própria resposta às suas rezas.

P: Que se passa com o sábio após a morte?

N: O sábio já está morto. Você espera que ele morra de novo?

P: Certamente, a dissolução do corpo é um importante evento mesmo para um sábio.

N: Não existem eventos importantes para um sábio, exceto quando alguém alcança o ponto mais alto. Somente então seu coração se rejubila. Todo o resto não interessa realmente. O universo inteiro é seu corpo, toda vida é sua vida. Assim como para as luzes de uma cidade uma lâmpada queimada não afeta a rede de iluminação, a morte de um corpo não afeta a totalidade.

P: O particular pode não importar para o todo, mas importa para o particular. O todo é uma abstração, o particular, o concreto, é real.

N: Isso é o que você diz. Para mim é ao contrário – o todo é real, a parte aparece e desaparece. O particular nasce e renasce, trocando de nome e de forma, o sábio é a Realidade Imutável, que torna possível o mutável. Mas ele não pode lhe dar essa convicção. A convicção deverá vir com sua própria experiência. Comigo, tudo é um só, todos são iguais.

P: Pecado e virtude são a mesma coisa?

N: Esses são valores construídos pelos homens. Que são eles para mim? O que termina em felicidade é virtude, o que termina em sofrimento é pecado. Ambos são estados mentais. Ser não é um estado mental.

P: Nós somos como cegos tentando entender o que significa ver.

N: Você pode falar como quiser.

P: A prática do silêncio, como *sadbana* (prática regular visando um resultado), é efetiva?

N: Qualquer coisa que você fizer em função da iluminação o levará perto dela. Qualquer coisa que você fizer sem lembrar da iluminação o tira dela. Mas por que complicar? Apenas saiba que você está acima e além de todas as coisas e pensamentos. O que você quer ser você já é. Apenas tenha isso na cabeça.

P: Eu ouço o que você fala, mas não posso acreditar.

N: Eu estive na mesma posição que você, mas eu confiei no meu Guru e ele mostrou que estava certo. Confie em mim se você puder. Tenha na cabeça o que eu digo, e não deseje nada, pois não lhe falta nada. A própria busca impede você de encontrar.

P: Você parece verdadeiramente indiferente para com tudo.

N: Não sou indiferente. Sou imparcial. Não dou preferência a mim ou ao meu. Um cesto de terra e um cesto de jóias são ambos indesejados. Vida e morte são a mesma coisa para mim.

P: A imparcialidade faz de você indiferente.

N: Ao contrário, compaixão e amor são minha própria essência. Vazio de qualquer predileção. Sou livre para amar.

P: O Buda disse que a idéia de iluminação é extremamente importante. Muita gente atravessa a vida sem nem mesmo saber que existe algo como iluminação, menos ainda o se esforçar por ela. Uma vez que ouçam falar disso, uma semente foi semeada, que não morrerá. Porisso ele mandava seus discípulos pregarem sem cessar, durante oito meses no ano.

N: Pode ser dado alimento, roupas, teto, conhecimento, afeição, mas o maior presente é o evangelho da iluminação, costumava dizer meu Guru. Você está certo, iluminação é o maior bem. Uma vez que você a tenha, ninguém pode tomá-la de você.

P: Se você falar disso no ocidente, as pessoas vão achar que você é louco.

N: Naturalmente que vão. Para o ignorante tudo que ele não entende é tomado por loucura. Que fazer? Deixe-os ser o que são. Eu sou o que sou por nenhum mérito meu, eles são como são por nenhuma falta que tenham cometido. A Realidade Suprema se manifesta em inúmeras maneiras. Em número infinito são seus nomes e formas. Tudo emerge e submerge no mesmo oceano, a fonte de tudo é uma só. Procurar por causas e resultados é apenas o passatempo da mente. O que é, é para ser amado. O amor não é um resultado, é o próprio campo do Ser. Onde quer que você vá você achará o Ser, a consciência e o amor. Por que e para quê ter preferências?

P: Quando milhares de pessoas são mortas por causas naturais – como enchentes e terremotos –, eu não sinto tanto. Mas quando uma pessoa morre pelas mãos de outra pessoa, eu fico extremamente sentido. O inevitável tem sua própria grandeza, mas matar pode ser evitado e, portanto, é muito feio, totalmente horrível.

N: Tudo acontece como acontece. As calamidades, sejam elas naturais ou provocadas pelo homem, acontecem, e não há necessidade de se sentir horrorizado.

P: Como pode alguma coisa acontecer sem uma causa?

N: Em cada evento todo universo se reflete. A causa última não pode ser rastreada. A própria idéia de causação é apenas uma maneira de pensar e falar. Não podemos imaginar algo que aconteça sem causa. Isso, entretanto, não prova a existência de causação.

P: A natureza não tem uma mente, porisso é irresponsável. Mas o ser humano tem mente. Por que ele é tão perverso?

N: As causas da perversidade também são naturais – hereditariedade, meio ambiente, etc. Você é muito apressado para condenar. Não se preocupe com os outros. Cuide da sua própria mente primeiro. Quando você se der conta que sua mente é parte da natureza também, a dualidade cessa.

P: Existe um mistério nisso que não consigo compreender. Como pode a mente ser parte da natureza?

N: Porque a natureza está na mente. Sem a mente onde está a natureza?

P: Se a natureza está na mente e a mente é a minha mesma, eu deveria ser capaz de controlar a natureza, que realmente não é o caso. Forças que estão além do meu controle determinam meu comportamento.

N: Desenvolva a atitude de observador e você descobrirá por si mesmo que desapego traz o controle. O estado de observador é muito poderoso. Não é nada passivo.

Cap 42 – A Realidade Não Pode Ser Expressa – (pág 188)

Nisargadatta Maharaj: Como pode haver conflito entre o que é e o que não é? Conflito é característica do velho. Quando o novo emerge o velho desaparece. Mesmo o esforço de lutar pelo novo eu é parte do velho. Onde quer que exista conflito, luta, esforço, vontade de mudança, o novo não está. Em que extensão você está livre da tendência habitual de criar e perpetuar conflitos?

Pergunta: Não posso dizer que agora sou um homem diferente. Eu descobri coisas novas a meu respeito, estados muito diferentes do que eu tinha antes, que eu acho justo chamá-los de novos.

N: O velho eu é seu próprio eu. O estado que brota subitamente e sem causa, não tem nenhum traço de eu; você bem pode chamar de Deus. O que não tem semente e não tem raiz, o que nem brota nem cresce, não floresce e não frutifica, o que aparece subitamente e cheio de glória, misteriosa e maravilhosamente, você pode chamar de Deus. É totalmente inesperado e, ainda assim, inevitável; infinitamente familiar e, ainda assim, surpreendente; além de toda esperança e, ainda assim, absolutamente certo. Por ser sem causa é sem impedimentos. Obedece apenas uma lei: a lei da liberdade. Qualquer coisa que implique em continuidade, sequência, o passar de um estágio para outro, nunca poderá ser real. Não há progresso na realidade. É perfeito, final, não-relativo.

P: Como posso produzir isso?

N: Você não pode fazer nada para produzi-lo, mas você pode evitar criar obstáculos. Observe sua mente, como ela aparece, como ela opera. Observando sua mente você se descobre como observador. Quando você fica quieto, sem se mexer, somente observando, você se descobre como a luz por trás do observador. A fonte da luz é a escuridão; a fonte do conhecimento é o desconhecido. Somente a fonte é. Volte à fonte e fique ali. Ela não fica no céu ou no onipresente éter. Deus é tudo que é grande e maravilhoso; eu não sou nada e não tenho nada, e não posso fazer nada. Ainda assim, tudo nasce de mim – eu sou a fonte, eu sou a raiz, a origem. Quando a realidade explode em você, você pode chamar isso de experimentar Deus. Ou, melhor, é Deus experimentando você. Deus conhece você quando você se conhece. A realidade não é o resultado de um processo; é uma explosão. É definitivamente além da mente, e tudo que você pode fazer é conhecer bem sua mente. Não que a mente irá ajudá-lo, mas

conhecendo sua mente você pode evitar que sua mente o incapacite. Você tem que ser muito alerta, ou então a mente irá enganá-lo. É como observar um ladrão – não que você espere alguma coisa de um ladrão, mas você não quer ser roubado. Da mesma maneira você dá toda atenção à mente sem esperar nada dela. Veja outro exemplo. Nós acordamos e dormimos. Depois de um dia de trabalho o sono vem. Eu vou dormir ou ele vem inadvertidamente? Nós acordamos porque estamos dormindo. Nós não acordamos em um verdadeiro estado acordado. No nosso acordar o mundo aparece devido à ignorância e nos coloca em um estado de sonhar acordado. Dormir e acordar são designações erradas. Estamos somente sonhando. O verdadeiro dormir e o verdadeiro acordar apenas o sábio conhece. Nós sonhamos que estamos acordados e sonhamos que estamos dormindo. Esses três estados são variações do estado de sonhar. Ver tudo como sonho é liberador. Quando você vê o sonho como realidade, você é escravo dele. Imaginando que você nasceu como isso e aquilo você se torna escravo disso e daquilo. A essência da escravidão é você se imaginar como um processo, ter um passado e um futuro, ter uma história. De fato não temos história, não somos um processo, não nos desenvolvemos, não decaímos; veja tudo como sonho e fique fora disso.

P: Que benefício tenho de ouvi-lo?

N: Estou chamando-o de volta a si mesmo. Tudo que lhe peço é que você olhe para si mesmo, vá em direção a você mesmo, para dentro de si mesmo.

P: Com que propósito?

N: Você vive, sente, pensa. Dando atenção ao seu viver, sentir e pensar você se liberta deles e vai além deles. Sua personalidade se dissolve e somente o observador permanece. Então você vai além do observador. Não pergunte como isso acontece. Somente busque dentro de você.

P: Qual a diferença entre a pessoa e o observador?

N: Ambos são modos da consciência. Em um você tem desejos e medos, no outro você não é afetado pelo prazer e pela dor e não é perturbado pelos eventos. Você os deixa vir e ir embora.

P: Como se fica estável no estado mais alto, o estado de pura observação?

N: A consciência não brilha por si mesma. Ela brilha por causa de uma luz que é além dela. Tendo visto a qualidade de sonho da consciência, olhe para a luz na qual ela aparece, que lhe permite ser. Existem os conteúdos da consciência e também a percepção deles.

P: Eu sei e eu sei que sei.

N: Isso mesmo, desde que o segundo conhecer é incondicional e fora do tempo. Esqueça o conhecido, mas se lembre que você é o conhecedor. Não fique todo tempo imerso em suas experiências. Lembre-se que você está além do experimentador, nunca nascido e nunca morto. Ao lembrar-se disso, a qualidade do puro conhecer irá emergir, a luz da atenção incondicional.

P: Em que ponto es experimenta a realidade?

N: Experiência é da mudança, ela vem e vai embora. A realidade não é um evento, e não pode ser experimentada. Ela não é percebível do mesmo modo que um evento é percebível. Se você está esperando a vinda da realidade como um evento que virá, você vai esperar para sempre, pois a realidade nem vem nem vai embora. Ela é para ser percebida, não esperada. Não dá para estar preparado para ela, e não pode ser antecipada. Mas a própria vontade de encontrar a realidade é o movimento, operação e ação da realidade. Tudo que você pode fazer é captar o ponto central, que a realidade não é um evento, e não acontece, e o que quer que aconteça, que apareça e venha e vá embora, não é a realidade. Veja o evento apenas como um evento, o transiente como transiente, a experiência como mera experiência, e você terá feito tudo que você pode. Então você ficará vulnerável à realidade, não mais colocará uma armadura contra ela, como você era quando tomava a realidade por eventos e experiências. Mas, assim que exista um gosto ou não gosto, você traçou uma linha divisória.

P: Você diria que a realidade se expressa na ação ao invés de no conhecimento? Ou, é um sentimento?

N: Nem ação, nem sentimento, nem pensamento expressam a realidade. Não existe tal coisa como expressar a realidade. Você está introduzindo uma dualidade onde não existe nenhuma. Somente a realidade é. Nada mais existe. Os três estados, dormir, sonhar e acordar não são eu, e eu não estou neles. Quando eu morrer o mundo irá dizer: “Oh! Maharaj morreu”. Mas para mim serão palavras sem nenhum conteúdo; não têm nenhum sentido. Quando uma reverência é feita diante da imagem de um Guru, tudo acontece como se ele acordasse, tomasse banho, comesse e descansasse, fosse passear e voltasse, abençoasse a todos e fosse dormir. Tudo é atendido nos seus mínimos detalhes e, ainda assim, tudo parece meio irreal. Assim acontece comigo. Tudo acontece como se fosse necessário e, ainda assim, nada acontece. Faço o que parece ser necessário ao mesmo tempo que sei que nada é necessário, que a vida é apenas faz-de-conta.

P: Por que viver então? Por que todas essas desnecessárias idas e vindas, esse dormir e acordar, comer e digerir?

N: Nada é feito por mim, tudo somente acontece. Eu não tenho expectativas. Não faço planos. Somente observo os eventos acontecendo, sabendo que são irrealis.

P: Você sempre foi assim desde o primeiro momento da iluminação?

N: Os três estados acontecem como de costume – existe o acordar e o dormir e o acordar novamente, mas eles não acontecem para mim. Eles apenas acontecem. Para mim nada realmente acontece. Existe algo imutável, imóvel, como uma rocha, indestrutível. Uma massa sólida de puro Ser/Consciência/Bem-aventurança. Nunca estou fora disso. Nada pode me tirar disso, nenhuma tortura, nenhuma calamidade.

P: Ainda assim você é consciente?

N: Sim e não. Existe paz – profunda, imensa, imperturbável. Os eventos são registrados na memória, mas não têm importância. Quase não dou atenção a eles.

P: Se eu o entendi corretamente, esse estado não veio pelo cultivo.

N: Não existe o vir. Ele é assim. Sempre. Existiu a descoberta, e foi súbita. Assim como no nascimento você descobre o mundo subitamente, assim subitamente eu descobri meu verdadeiro Ser.

P: Ele estava coberto de nuvens e a sua prática dissolveu as nuvens? Quando seu estado verdadeiro se tornou claro para você, ele permaneceu claro? Ou se obscureceu novamente? Sua condição é permanente ou intermitente?

N: Absolutamente firme. O que quer que eu faça, eu permaneço como uma rocha – imóvel e imutável. Uma vez que você acorda para a realidade você fica nela. A criança não retorna ao útero. É um estado muito simples, menor que o menor e maior que o maior. É evidente por si mesmo e, ainda assim, além de qualquer descrição.

P: Existe um caminho para ele?

N: Tudo pode se tornar um caminho para ele, uma vez que você está interessado. Decifrar minhas palavras e captar o sentido completo delas já é uma prática suficiente para derrubar o muro. Nada me perturba. Eu não ofereço resistência aos problemas – portanto, eles não ficam comigo. De seu lado existem muitos problemas. Do meu lado não existe nenhum problema. Venha para o meu lado. Você é cheio de problemas. Eu sou imune. Algo pode acontecer. O que é necessário é o interesse sincero. Seriedade realiza isso.

P: Posso realizar isso?

N: Naturalmente. Você é capaz de dar o passo. Apenas seja sincero.

Cap 43 – A Ignorância Pode Ser Reconhecida, Não a Sabedoria. (pág 193–195)

Pergunta: De ano para ano seus ensinamentos permanecem o mesmo. Parece não haver nenhum progresso no que você nos fala.

Nisargadatta Maharaj: Em um hospital os doentes são tratados e ficam melhor. O tratamento é uma rotina, que pouco muda, mas não existe nada de monótono na saúde. Meus ensinamentos podem ser rotina, mas os frutos são sempre novos de pessoa para pessoa.

P: O que é realização? Quem é um homem realizado? Pelo quê é o sábio reconhecido?

N: Não existem marcas distintivas de um sábio. Somente a ignorância pode ser reconhecida, não a sabedoria. Nem um sábio pretende ser alguém em especial. Todo aquele que proclama sua própria grandeza e sua raridade única não é um sábio. Esses estão erroneamente tomando algum desenvolvimento incomum por realização. O sábio não tende a proclamar-se um sábio. Ele se considera perfeitamente normal, fiel à sua verdadeira natureza. Proclamar-se como uma divindade onisciente e onipotente é um sinal claro de ignorância.

P: O sábio pode transmitir sua experiência para o ignorante? Pode a sabedoria ser transmitida de uma pessoa para outra?

N: Sim, pode. As palavras de um sábio têm o poder de dissipar a ignorância e a escuridão da mente. Não são as palavras que importam, mas o poder por trás delas.

P: O que é esse poder?

N: O poder da convicção, baseado na realização do “eu sou” que se é, na própria experiência direta.

P: Alguns seres realizados dizem que o conhecimento deve ser conquistado, não ganho. O outro pode apenas ensinar, mas aprender é uma experiência própria de cada um.

N: O que vem a dar no mesmo.

P: Existem muitos que têm praticado yoga durante anos sem nenhum resultado. Qual poderia ser a causa de seus fracassos?

N: Alguns são adictos ao transe, com a consciência deixada de lado. Sem uma consciência plena, que progresso pode haver?

P: Muitos estão praticando *samadhi* (estados de absorção). Nesse estado a consciência é bastante intensa, ainda assim não resulta em nada.

N: Que resultados você espera? E por que a sabedoria deve ser resultado de alguma coisa? Uma coisa leva a outra, mas sabedoria não é uma coisa para estar presa a causas e resultados. Está completamente além da causalidade. É a permanência no Ser. O *yogi* vem a conhecer muitas maravilhas, mas continua ignorante do Ser que ele é. O sábio pode parecer e sentir-se bastante ordinário e comum, mas o “Eu sou” que ele é, ele conhece bem.

Existem aqueles que se esforçam por autoconhecimento com seriedade, mas com poucos resultados. Qual poderia ser a causa disso?

N: Eles não investigaram a fonte do conhecimento suficientemente; suas sensações, sentimentos e pensamentos eles conhecem muito pouco. Esta pode ser a causa da demora. Outra causa, pode ser que alguns desejos ainda estejam vivos.

P: Altos e baixos na prática são inevitáveis. Ainda assim o buscador caminha lenta e penosamente, apesar de tudo. O que o sábio pode fazer por tal buscador?

N: Se o buscador é sério e diligente, a luz pode ser dada. A luz é para todos e está sempre presente, mas os buscadores são poucos, e aqueles que estão prontos são muito raros. Maturidade de coração e mente é indispensável.

P: Você conseguiu sua própria realização através do esforço ou pela graça do seu Guru?

N: Dele era o ensinamento e minha era a confiança. Minha confiança nele me fez aceitar suas palavras como verdadeiras, ir fundo nelas, vivê-las, e assim foi que acabei me dando conta de

quem eu sou. A pessoa do Guru e suas palavras me fizeram confiar nele e minha confiança as fez fecundas.

P: Mas pode um Guru dar a realização sem palavras, sem a confiança, sem nenhuma preparação?

N: Sim, pode, mas onde estão os que vão pegar? Veja, eu era tão afinado com meu Guru, tão completamente confiante nele, havia muito pouca resistência em mim, e tudo aconteceu fácil e rapidamente. Mas nem todos são tão afortunados. Preguiça e inquietação freqüentemente se coloca no meio e, até que sejam removidas, o progresso é lento. Todos aqueles que se realizaram no ato, por um simples toque, olhar ou pensamento, estavam maduros para isso. Mas esses são muito poucos. A maioria precisa de algum tempo para amadurecer.

P: O que torna a pessoa madura? Qual é o fator da maturação?

N: Seriedade e diligência, naturalmente; a pessoa tem que querer muito. Afinal de contas, o homem realizado é o ser humano mais sério. O que quer que faça ele o faz completamente, sem restrições e reservas. Integridade o levará à realidade.

P: Você ama o mundo?

N: Quando você é ferido você chora. Por quê? Porque você ama a você mesmo. Não se sufoque limitando seu amor ao seu corpo, mantenha-o aberto. Ele será então amor por tudo e todos. Quando todas as auto-identificações são atiradas fora, o que permanece é amor que abarca o todo. Livre-se das idéias sobre você mesmo, até mesmo da idéia de que você é Deus. Nenhuma auto-definição é válida

Cap 45 – (pág. 203-204)

Pergunta: Vim aqui para estar com você, não para ouvi-lo. Pouco pode ser dito em palavras, muito mais pode ser transmitido em silêncio.

Nisargadatta Maharaj: Primeiro palavras, então silêncio. Deve-se estar maduro para o silêncio.

P: Posso viver em silêncio?

N: O trabalho não-egoísta leva ao silêncio, pois quando você trabalha não-egoisticamente você não precisa pedir ajuda. Indiferente aos resultados, você está pronto para trabalhar com os meios mais inadequados. Você não se preocupa se você não é talentoso nem bem equipado. Nem você pede reconhecimento e assistência. Você apenas faz o que necessita ser feito, deixando o sucesso ou o fracasso para o desconhecido. Pois tudo é causado por inumeráveis fatores, dos quais o seu esforço pessoal é apenas mais um. Ainda assim esta é a magia da mente e do coração humano, que o mais improvável acontece quando o querer humano e o amor trabalham juntos.

P: O que está errado em pedir ajuda quando o trabalho é de valor?

N: Qual a necessidade de pedir? Isso meramente mostra a fraqueza e a ansiedade. Trabalhe, e o universo trabalhará com você. Afinal, a própria idéia de fazer a coisa certa vem a você do desconhecido. Deixe ao desconhecido a questão dos resultados, apenas faça os movimentos necessários. Você é apenas um dos elos de uma longa cadeia de causas. Fundamentalmente, tudo acontece apenas na mente. Quando você trabalha por alguma coisa com todo o coração e firmeza, a coisa acontece, pois é função da mente fazer com que coisas aconteçam. Na realidade não falta nada e nada é necessário, todo trabalho é apenas na superfície. Nas profundezas existe uma paz perfeita. Todos seus problemas vêm à tona porque você se definiu e se limitou. Quando você não se pensa como isso ou aquilo, todo conflito cessa. Qualquer tentativa de fazer alguma coisa acerca de seus problemas vai levar ao fracasso, pois o que é causado pelo desejo só pode ser desfeito em um estado livre de desejos. Você se limitou ao tempo e ao espaço, se espremeu dentro de um tempo de vida e do volume de um corpo e, assim, criou conflitos inumeráveis sobre a vida e a morte, o prazer e a dor, a esperança e o medo. Você não pode se libertar dos problemas sem se libertar das ilusões.

P: Uma pessoa é naturalmente limitada.

N: Não existe tal coisa como uma pessoa. Existem apenas restrições e limitações, cuja soma total define a pessoa. Você pensa que se conhece quando você sabe **o que** você é. Mas você nunca sabe **quem** você é. A pessoa apenas parece que é, assim como o espaço dentro de um pote apenas parece ter a forma, o volume e o cheiro do pote. Veja que você não é o que você pensa que é. Lute com todas suas forças contra a idéia de que você é nomeável e descrevível. Você não é. Recuse-se a pensar em si mesmo em termos disto ou daquilo. Não existe outro caminho para sair da infelicidade, que você criou para si mesmo pela aceitação cega, sem investigação. O sofrimento é um pedido para investigação, toda dor necessita investigação. Não seja preguiçoso para investigar.

P: Atividade é a essência da realidade. Não existe virtude em não trabalhar. Junto com o pensar alguma coisa deve ser feita.

N: Trabalhar no mundo é duro, se abster de fazer trabalho desnecessário é ainda mais duro.

(pág. 205)

P: Como é isso que apesar de toda assistência e instrução a gente não progride?

N: Enquanto nos imaginarmos como pessoas separadas, um bem distante do outro, não podemos compreender a realidade, que é essencialmente impessoal. Primeiro precisamos nos ver como observadores apenas, como centros de observação sem dimensão e sem tempo, e então se dar conta do imenso oceano de pura atenção, que é mente e matéria e muito além.

P: O que quer que eu seja na realidade, ainda assim eu me sinto uma pessoa pequena e separada, um no meio de muitos.

N: Você ser uma pessoa se deve a ilusão do tempo e do espaço; você se imagina estar em um certo ponto, ocupando um certo volume; sua personalidade é devida à sua auto-identificação com o corpo. Seus pensamentos e sentimentos ocorrem em sucessão, têm sua duração no tempo e fazem com que você se imagine como tendo uma duração também, por causa da memória. Na verdade, tempo e espaço existem em você; não é você que existe neles. Eles são

modos de percepção, mas não são os únicos. Tempo e espaço são como palavras escritas em uma folha de papel; o papel é real, as palavras são meras convenções.

Cap 48 – A Atenção é Livre

Visitante: Acabei de chegar do Ashram de Ramana Maharshi. Fiquei sete meses lá.

Nisargadatta: Que prática você estava seguindo no Ashram?

V: Tanto quanto pude, me concentrei no “Quem sou eu?”.

N: De que maneira você o fazia? Verbalmente?

V: Nos meus momentos livres durante o dia. As vezes eu estava murmurando para mim mesmo “Quem sou eu? Eu sou. Mas quem sou eu?” Ou fazia isso mentalmente. Em algumas ocasiões eu tinha sentimentos muito bons, ou entrava em estados de silenciosa felicidade. No todo, eu tentava estar quieto e receptivo ao invés de fazer coisas para ter experiências.

N: O que você estava experimentando de fato quando você entrava nos estados silenciosos?

V: Uma sensação de tranquilidade interior, silêncio e paz.

N: Você se percebeu ficando inconsciente?

V: Sim, ocasionalmente e por curto período de tempo. Senão, eu estava somente quieto, interior e exteriormente.

N: Que tipo de quietude era aquela? Algo semelhante ao sono profundo e, ainda assim, consciente? Um tipo de dormindo-acordado?

V: Sim, dormindo-alerta (*jagrit-sushupti*).

N: O principal é estar livre das emoções negativas – desejo, medo etc, os “seis inimigos” de mente. Uma vez que a mente está livre deles, o resto vem facilmente. Assim como um pedaço de pano de molho em água e sabão ficará limpo, assim a mente se purificará na correnteza dos sentimentos puros.

Quando você se senta em silêncio e se observa, todo tipo de coisa pode vir à superfície. Não faça nada com elas, não reaja a elas; assim como vieram vão embora por selas mesmas. Tudo que importa é atenção plena, estar totalmente acordado para si mesmo, ou melhor, para a própria mente.

V: Por “si mesmo” você está falando do eu do dia-a-dia?

N: Sim, a pessoa, que é a única coisa observável objetivamente. O observador está além da observação. O que é observável não é o Ser verdadeiro.

V: Eu sempre posso observar o observador, em uma retroação sem fim.

N: Você pode observar a observação mas nunca o próprio observador. Você sabe que é o observador último por uma percepção direta, não por um processo lógico baseado na observação. Você é o que você é, mas você só sabe o que você não é. O eu é conhecido como sendo algo e o não-eu é conhecido como transitório. Mas na realidade tudo isso é da mente. O observado, a observação e o observador são construções mentais. O Ser é o único que é.

V: Por que a mente cria todas essas divisões?

N: Dividir e particularizar é a própria natureza da mente. Não tem problema dividir. Mas separação vai contra o fato. Pessoas e coisas são diferentes, mas não estão separados. A natureza é um, a realidade é um. Existem opostos, mas não oposição.

V: Eu descobro que por minha natureza eu sou muito ativo. Aqui sou aconselhado a evitar atividade. Quanto mais eu tento permanecer inativo, maior a urgência de fazer alguma coisa. Isso não me faz apenas ativo exteriormente, mas também me esforçando para ser interiormente o que, por natureza, eu não sou. Existe um remédio contra a vontade de trabalhar?

N: Existe uma diferença entre trabalhar e a mera atividade. Toda a natureza trabalha. Trabalhar é natureza, natureza é trabalhar. Por outro lado, atividade é baseada em desejo e medo, em vontade de possuir e se satisfazer, e no medo da dor e da aniquilação. Trabalhar é do todo para o todo, atividade é de si para si mesmo.

V: Existe um remédio contra atividade?

N: Observe-a e ela cessará. Use cada oportunidade para se lembrar que você está em uma situação de dependência, de sujeição, e que qualquer coisa que acontece a você é devido ao fato da sua existência corporal. Desejos, medos, problemas, alegrias, não podem aparecer a menos que você esteja lá para aparecerem para você. Ainda assim, o que quer que lhe aconteça, aponta para a sua existência como um centro percebido. Deixe de lado o dedo que aponta e fique atento para o que está sendo apontado. O que importa é a persistência com que você se mantém retornando a si mesmo.

V: Eu realmente entro em estados peculiares de absorção profunda em mim mesmo, mas imprevisíveis e momentâneos. Não me sinto em controle de tais estados.

N: O corpo é uma coisa material e necessita tempo para mudança. A mente não é senão um conjunto de hábitos mentais, de modos de pensar e sentir, e para mudança devem vir à superfície e examinados. Isso também leva tempo. Decida e persevere, o resto cuidará de si mesmo.

V: Pareço ter uma idéia clara do que tem que ser feito, mas eu me vejo ficando cansado e deprimido, e procurando companhia e, assim, desperdiçando tempo que poderia ser usado em solitude e meditação.

N: Faça o que você tem vontade de fazer. Não brigue com você. Violência o fará duro e rígido. Não lute com o que você acha que sejam obstáculos no seu caminho. Apenas se

interesse por eles, olhe para eles, observe-os, investigue. Deixe tudo acontecer – o bom e o mau. Mas não se deixe submergir no que acontece.

V: Qual é o propósito de ficar se lembrando o tempo todo de que se é o observador?

N: A mente deve aprender que além da mente em movimento existe um fundo de atenção que não se move, que não muda. A mente deve chegar a ver o Ser verdadeiro e respeitá-lo e cessar de imitá-lo e encobri-lo, como a lua que cobre o sol em uma eclipse solar. Apenas se dê conta de que nada que seja observável ou experimentável é você mesmo, ou prende você. Não dê atenção para o que você não é.

V: Para fazer o que você me diz tenho que estar atento incessantemente.

N: Estar atento é estar acordado. Inatento significa dormindo. Você é atento, de qualquer forma; você não precisa tentar ser. O que você precisa é se dar conta que é atento. Seja atento deliberada e conscientemente, amplie e aprofunde o campo de atenção. Você está sempre consciente da mente, mas você não se dá conta de você mesmo sendo atento.

V: Como posso entender, você dá significados diferentes para as palavras “mente”, “consciência” e “atenção”.

N: Olhe para isso desta maneira. A mente produz pensamentos incessantemente, mesmo quando você não olha para eles. Quando você sabe o que está ocorrendo na sua mente, você chama isso de consciência. Esse é seu estado “acordado” – sua consciência pula de sensação para sensação, de percepção para percepção, de idéia para idéia em uma sucessão sem fim. Então vem a atenção, a percepção direta da totalidade da consciência, da totalidade da mente. A mente é como um rio caudaloso fluindo continuamente no leito do corpo; você se identifica por um momento com uma ondinha particular e a chama de “meu pensamento”. Tudo o que você está consciente é da sua mente. Atenção é o saber do todo da consciência.

V: Todo mundo é consciente mas nem todo mundo é atento.

N: Não diga “todo mundo é consciente”. Diga: “existe consciência”, na qual tudo aparece e desaparece. Nossas mentes são apenas ondas no oceano de consciência. Como ondas, elas vem e vão. Como oceano elas são infinitas e eternas. Conheça a si mesmo como o oceano do Ser, o útero de toda existência. Essas são apenas metáforas, naturalmente; a realidade é além da descrição. Você pode conhecê-la apenas sendo-a.

V: A busca da realidade vale o esforço?

N: Sem a busca é que tudo é esforço. Se você quer viver sadiamente, feliz e criativamente e ter infinita riqueza para compartilhar, busque o que você é. Enquanto a mente está centrada no corpo e a consciência está centrada na mente, a atenção não tem centro, a atenção é livre. O corpo tem suas necessidades e a mente tem seus prazeres e dores. A atenção é independente e inabalável. É lúcida, silenciosa, em paz, alerta e destemida, sem desejos e sem medo. Medite nela como seu verdadeiro Ser, e seja-a na sua vida cotidiana, e você se dará conta disso na sua plenitude.

A mente está interessada no que acontece, enquanto a atenção está interessada na mente em si mesma. A criança está interessada no brinquedo, mas a mãe está interessada na criança, não no brinquedo.

Ao olhar incansavelmente eu me tornei bastante vazio e, com esse vazio, tudo voltou para mim exceto a mente. Descubro que perdi a mente irrevogavelmente.

V: Ao você falar conosco agora, você é inconsciente?

N: Eu não sou nem consciente nem inconsciente, eu sou além da mente e de seus vários estados e condições. Distinções são criadas pela mente e se aplicam à mente apenas. Eu sou Consciência pura em si mesma, atenção inquebrantável de tudo que é. Estou em um estado mais real que o de vocês. Não sou distraído pelas distinções e separações que constituem uma pessoa. Enquanto o corpo durar ele tem suas necessidades como qualquer outro, mas o meu processo mental chegou ao fim.

V: Você se comporta como alguém que pensa.

N: Porque não? Mas meu pensar assim como minha digestão é inconsciente e sempre com propósito.

V: Se seu pensar é inconsciente, como você sabe que ele está certo?

N: Não existe nem desejo nem medo para distorcê-lo. O que pode fazê-lo errado? Uma vez que conheço a mim mesmo e meus propósitos, não necessito checar a mim mesmo todo o tempo. Quando você sabe que seu relógio mostra a hora certa, você não fica em dúvida cada vez que olha para ele.

V: Neste preciso momento quem fala se não é a mente?

N: O que ouve a questão responde a ela.

V: Mas quem é esse?

N: Não quem, mas o quê. Não sou uma pessoa no seu sentido da palavra, embora eu pareça uma pessoa para você. Eu sou o infinito oceano de consciência no qual tudo acontece. Eu sou também além de toda existência e todo conhecimento, pura bênção de Ser. Nada existe que eu me sinta separado, assim sou tudo. Nenhuma coisa é eu, assim eu sou nada.

O mesmo poder que faz o fogo queimar e a água fluir, a semente brotar e a árvore crescer, faz-me responder suas perguntas. Não existe nada pessoal em mim, embora a linguagem e o estilo possam parecer pessoal. Uma pessoa é um conjunto de desejos e pensamentos e ações resultantes disso; não existem esses padrões no meu caso. Não existe nada que eu deseje ou tema – como pode haver um padrão?

V: Certamente você vai morrer.

N: A vida fugirá, o corpo morrerá, mas isso não terá o menor efeito sobre mim. Além do tempo e do espaço eu sou, sem causa e sem causar nada, ainda assim a verdadeira matriz da existência.

V: Posso perguntar como você chegou nessa presente condição?

N: Meu mestre me falou para tenazmente ficar com o sentimento “Eu sou” e não me desviar dele nem por um momento. Fiz o melhor para seguir seu conselho e em comparavelmente curto tempo, dei-me conta da verdade do seu ensinamento dentro de mim mesmo. Tudo que fiz foi lembrar de seu ensinamento, sua face, suas palavras constantemente. Isso trouxe um fim à mente. Na quietude da mente eu me vi como Sou – livre.

V: Sua realização foi súbita ou gradual?

N: Nenhuma coisa nem outra. O Ser é o que é eternamente. É a mente que realiza quando e como fica livre dos desejos e do medo.

V: Mesmo do desejo de realização?

N: O desejo de por um fim em todos os desejos é o mais peculiar dos desejos; assim como o medo de ter medo é o mais peculiar dos medos. Um pára você de pegar e o outro de fugir. As palavras podem ser as mesmas mas os estados não são os mesmos. A pessoa que busca a realização não é adcta aos desejos; ela é a buscadora que vai contra o desejo, não à favor. Uma vontade mais geral por liberação é apenas o começo; descobrir os meios apropriados e usá-los é o passo seguinte. O buscador tem então apenas uma meta em vista: encontrar seu próprio ser verdadeiro. De todos os desejos é o mais ambicioso, pois nada nem ninguém pode satisfazê-lo. O buscador e o que é buscado são um só e a busca apenas é o que importa.

V: A busca chegará ao fim. O buscador permanecerá.

N: Não, o buscador se dissolverá e a busca permanecerá. A busca é a realidade última e sem tempo.

V: Busca significa falta, querer, estar incompleto e imperfeito.

N: Não, ela significa a recusa e a rejeição do incompleto e do imperfeito. A busca da realidade é em si mesma um movimento da realidade. De certo modo, toda busca é pela felicidade verdadeira, ou a bênção do real. Mas aqui nós estamos dizendo por busca a busca de si mesmo como a raiz de ser consciente, como a luz além da mente. Esta busca nunca terá fim, enquanto a ânsia por tudo o mais deve findar para que um progresso real possa acontecer. A pessoa tem que entender que a busca da Realidade, ou Deus, ou Guru e a busca de si mesmo é a mesma; quando um é encontrado todos são encontrados. Quando “Eu sou” e “Deus é” se tornam indistinguíveis na sua mente, então alguma coisa acontece e você saberá sem traço de dúvida que Deus é por que você é, você é por que Deus é. Os dois são Um.

V: Desde que tudo é pré-ordenado, nossa auto-realização é também pré-ordenada? Ou, ao menos lá, somos livre?

N: Destino diz respeito apenas a nome e forma. Desde que você não é nem mente nem corpo, o destino não tem nenhum controle sobre você. Você é completamente livre. A xícara é condicionada pela sua forma, material, uso etc. Mas o espaço dentro da xícara é livre. Ele está

na xícara somente quando visto em conexão com a xícara, de outro modo é apenas espaço. Enquanto existir um corpo você parece ser corporificado. Sem o corpo você não é descorporificado, você apenas é. Mesmo o destino não é senão uma idéia. As palavras podem ser colocadas em tantos jeitos! As afirmações podem diferir, mas modificam alguma coisa na realidade? Existem muitas teorias designadas para explicar as coisas – todas plausíveis, nenhuma é verdadeira. Quando você dirige um carro, você está sujeito às leis da mecânica e da química; saia do carro e você estará sob as leis da fisiologia e da bioquímica.

V: O que é meditação e qual a sua utilidade?

N: Enquanto você é um principiante certas meditações formais, ou orações podem ser boas para você. Mas para um buscador da realidade, existe apenas meditação – a recusa rigorosa de ancorar pensamentos. Ser livre de pensamentos é em si mesmo meditação.

V: Como isso é feito?

N: Você começa deixando os pensamentos fluírem e observando-os. A própria observação vai tornando a mente mais lenta até que ela pára completamente. Uma vez que a mente está quieta, mantenha-se quieto. Não fique aborrecido com a quietude, seja ela, vá fundo nela.

V: Eu ouvi dizer sobre segurar um único pensamento de forma a manter outros pensamentos afastados. Mas como manter todos os pensamentos afastados? Essa própria idéia é também um pensamento.

N: Experimente o novo, não vá pela experiência passada. Observe seus pensamentos e observe a si mesmo observando os pensamentos. O estado de liberdade de todos os pensamentos acontecerá subitamente e pela bênção desse estado você o reconhecerá.

V: Você não está nem um pouco preocupado com o estado do mundo? Veja o horror de Bangla Desh. Isso não toca a você nem um pouco?

N: Eu leio os jornais. Eu sei o que está acontecendo. Mas minha reação não é como a sua. Você está procurando um remédio, enquanto eu estou interessado em prevenção. Enquanto houver causas, deve haver resultados. Enquanto as pessoas estiverem inclinadas a dividirem e separarem, enquanto forem egoístas e agressivas, tais coisas acontecerão. Se você quer paz e harmonia no mundo, você deve ter paz e harmonia no seu coração e na mente. Tal mudança não pode ser imposta, ela tem que vir de dentro. Aqueles que abominam a guerra têm que mandar a guerra para fora de seus sistemas. Sem pessoas pacíficas você poderá ter paz no mundo? Enquanto as pessoas forem como são, o mundo deve ser como é. Estou fazendo minha parte ajudando as pessoas a conhecerem-se como a única causa de sua própria infelicidade. Nesse sentido sou um homem útil.

Mas o que eu sou em mim mesmo, o que é meu estado normal, não pode ser expresso em termos de consciência social e utilidade. Posso falar disso, utilizar metáforas e parábolas, mas sou agudamente acordado para o fato de que não é bem assim. Não que não possa ser experimentado. Esse estado está experimentando a si mesmo. Mas não pode ser descrito em termos de uma mente que tem que separar e se opor para poder conhecer.

O mundo é como uma folha de papel onde alguma coisa é escrito à máquina. A leitura e o significado variam com o leitor, mas o papel é o fator comum, sempre presente, raramente

percebido. Quando a fita da máquina é retirada, a datilografia não deixa marcas no papel. Assim é minha mente – as impressões continuam vindo, mas nenhum traço fica marcado.

V: Por que você fica aqui sentado falando com as pessoas? Qual é o verdadeiro motivo?

N: Não há motivo. Você diz que tenho que ter um motivo. Não estou sentado aqui, nem estou falando; não há necessidade de procurar motivos. Não me confunda com o corpo. Não tenho nenhum trabalho a fazer, nenhum dever para cumprir. Aquela parte de mim que você pode chamar de Deus irá cuidar do mundo. Este mundo de vocês que tanto necessita ser cuidado, vive e se move na sua mente. Mergulhe nela e você encontrará suas respostas ali e somente ali. De onde mais você espera que as respostas venham? Fora de sua consciência alguma coisa existe?

V: Pode ser que exista sem que eu nem mesmo saiba.

N: Que tipo de existência seria? Pode o Ser estar divorciado do saber? Todo ser assim como todo saber é relativo à você. Uma coisa é porque você a sabe sendo ou em sua experiência ou em seu próprio ser. Seu corpo e sua mente existem enquanto você acreditar nisso. Parece de pensar que eles são seus e eles se dissolverão. De todo jeito deixe seu corpo e sua mente funcionar, mas não os deixe limitá-lo. Se você nota imperfeições, apenas fique notando; o seu próprio dar atenção fará com que seu coração, sua mente e seu corpo se corrijam.

V: Posso me curar de uma doença séria apenas dando atenção a ela?

N: Dê atenção para o todo dela, não apenas aos sintomas externos. Toda doença começa na mente. Cuide da mente em primeiro lugar, percebendo e eliminando todas idéias erradas e emoções. Então viva e trabalhe sem considerar doenças e não pense mais nisso. Com a remoção das causas o efeito é obrigado a desaparecer. A pessoa se torna o que ela se acredita ser. Abandone todas as idéias à respeito de si mesmo e você se encontrará sendo a pura observadora, além de tudo que pode acontecer ao corpo e à mente.

V: Se eu me torno qualquer coisa que eu penso ser, e eu começo a pensar que sou a realidade suprema, minha suprema realidade não continuará sendo uma mera idéia?

N: Primeiro atinja o estado e então faça a pergunta.

Cap 49 – (pág 227)

Visitante: As pessoas vêm até você para conselhos. Como você sabe o que responder?

Nisargadatta Maharaj: Assim como ouço a pergunta, eu ouço a resposta.

V: E como você sabe que sua resposta é correta?

N: Uma vez que conheço a verdadeira fonte das respostas, não é preciso duvidar delas. De uma fonte pura somente água pura fluirá. Não estou preocupado com os medos nem com os

desejos das pessoas. Estou sintonizado com fatos, não com opiniões. O ser humano toma seu nome e sua forma como se fosse ele mesmo, enquanto eu não tomo nada como eu mesmo. Se eu pensasse ser um corpo conhecido por um nome, não seria capaz de responder suas perguntas. Se eu tomasse você como sendo um mero corpo, não haveria benefício para você de minhas respostas. Nenhum mestre verdadeiro indulge em opiniões. Ele vê as coisas como são e as mostra como são. Se você toma as pessoas como sendo o que elas pensam que são, você apenas as machucaria, como elas mesmas se machucam gravemente todo o tempo. Mas se você as vê como são em realidade, fará um bem enorme a elas. Se elas perguntarem a você o que fazer, que práticas adotar, que caminho de vida seguir, responda: “Não faça nada, apenas seja. No ser tudo acontece naturalmente”.

Cap 53 – (pág 248)

Visitante: Posso ficar quieto por uma hora de manhã. Mas o dia é longo e muitas coisas acontecem que me desequilibram. É fácil dizer “fique em silêncio”, mas ficar em silêncio quando tudo está gritando dentro e fora de mim – por favor, me diga como isso pode ser feito?

Nisargadatta Maharaj: Tudo que precisa ser feito pode ser feito em silêncio e em paz. Não há necessidade de se aborrecer.

V: Isso é tudo teoria, que não se ajusta aos fatos. Estou voltando para a Europa sem nada para fazer lá. Minha vida está totalmente vazia.

N: Se você apenas procura ficar quieto, tudo virá – o trabalho, a força para trabalhar, o motivo certo. Você acha que tem que saber de tudo antes? Não fique ansioso acerca do seu futuro. Fique quieto agora e tudo achará seu lugar. O inesperado pode acontecer e o esperado pode nunca vir. Não me diga que você não pode controlar sua natureza. Você não necessita controlá-la. Atire-a fora. Não tenha nenhuma natureza para lutar contra, para se submeter. Nenhuma experiência irá feri-lo, desde que você não a transforme em um hábito. Do universo inteiro você é a causa sutil. Tudo é porque você é. Aprenda esse ponto firme e profundamente, e fique aí repetidamente. Se dar conta disso como verdade absoluta, é liberação.

Cap 55 – (pág 258)

Visitante: Aqui estou eu, sentado diante de você. Estou sonhando e você está me observando enquanto falo em meu sonho. Que ligação existe entre nós?

Nisargadatta Maharaj: Minha intenção de acordá-lo é a ligação. Eu vejo que você sofre no seu sonho e eu sei que você deve acordar para por um fim em seu mal. Quando você vê seu sonho como sonho, você acorda. Mas no seu sonho mesmo, não estou interessado. Para mim é suficiente saber que você deve acordar. Você não precisa levar seu sonho a uma conclusão definida, ou fazê-lo nobre, ou feliz, ou lindo; tudo que você precisa é se dar conta que você está sonhando. Pare de imaginar, pare de acreditar. Veja as contradições, as incongruências, a falsidade e o sofrimento do estado da humanidade, a necessidade de ir além. Dentro de uma

imensidão de espaço flutua um pequeno átomo de consciência e, nele, o universo inteiro está contido.

V: Existem afetos no sonho que parecem reais e duradouros. Eles desaparecem quando no acordar?

N: No sonho você ama alguns e não outros. No acordar você descobre que você é o próprio amor, abarcando tudo. O amor pessoal, mesmo que intenso e genuíno, invariavelmente prende; amor em liberdade é amor a todos.

V: As pessoas vêm e vão. A pessoa ama quem ela encontra, ela não pode amar a todos.

N: Quando você é o próprio amor, você está além do tempo e dos números. Amando um, você ama todos. Amando todos, você ama cada um. Um e todos não são excludentes.

V: Você diz que está em um estado atemporal. Quer dizer que o passado e o futuro estão abertos para você? Você se encontrou com Vashishta Muni, o Guru de Rama?

N: A questão é do tempo e sobre o tempo. De novo você está me perguntando sobre os conteúdos do sonho. O atemporal é além da ilusão do tempo, não é uma extensão no tempo. Aquele que se chamava Vashishta conheceu Vashishta. Estou além de todos os nomes e formas. Vashishta é um sonho no seu sonho. Como posso conhecê-lo? Você está muito preocupado com o passado e o futuro. Tudo devido ao seu anseio por continuar, por proteger a si mesmo contra a extinção. E, como você quer continuar, você quer a companhia dos outros, daí a sua preocupação com a sobrevivência deles. Mas o que você chama de sobrevivência não é senão a sobrevivência do sonho. A morte é preferível a isso. Existe uma chance de acordar.

V: Você está acordado para a eternidade, por isso você não se preocupa com a sobrevivência.

N: É ao contrário disso. Liberdade de todos os desejos é eternidade. Todo apego implica em medo, pois todas as coisas são passageiras. E o medo transforma a pessoa em um escravo. Essa libertação dos apegos não vem com a prática; ela é natural quando você se conhece, o seu verdadeiro Ser. Amor não agarra, agarrar não é amor.

V: Então, não tem jeito de ganhar o desapego?

N: Não existe nada para ganhar. Abandone todo o imaginar e conheça a si mesmo como você é. Autoconhecimento é desapego. Todo desejo é devido a um sentimento de insuficiência. Quando você sabe que não lhe falta nada, que tudo o que existe é você e é seu, os desejos acabam.

V: Para me conhecer devo praticar estar atento?

N: Não existe nada para praticar. Para se conhecer, seja você mesmo. Para ser você mesmo, pare de imaginar que você é isso ou aquilo. Apenas seja. Deixe sua verdadeira natureza emergir. Não perturbe sua mente com buscar.

V: Levará muito tempo, se eu apenas esperar pela auto-realização.

N: O que você tem para esperar se já está aqui e agora? Você tem apenas que olhar e ver. Olhe para você mesmo, para o seu próprio ser. Você sabe que você é e você gosta disso. Abandone todo o imaginar, só isso. Não confie no tempo. Tempo é morte. Quem espera, morre. A vida é agora somente. Não fale comigo sobre o passado e o futuro, eles existem apenas na sua mente.

V: Você também vai morrer.

N: Eu já estou morto. A morte física não fará diferença no meu caso. Eu sou o ser atemporal. Sou livre do desejo e do medo, pois não me lembro do passado nem imagino o futuro. Onde não existem nomes nem formas, como pode haver desejos e medos? Com a ausência do desejo vem a atemporalidade. Estou seguro, pois o que não é não pode tocar o que é. Você se sente inseguro porque você imagina o perigo. Naturalmente, seu corpo, tal como é, é complexo e vulnerável, e necessita proteção. Mas não você. Quando você se dá conta do seu próprio ser indestrutível, você está em paz.

V: Como posso encontrar paz se o mundo sofre?

N: O mundo sofre por razões muito válidas. Se você quer ajudar o mundo, você deve estar além da necessidade de ajuda. Então, todo o seu fazer, e também o seu não-fazer, ajudará o mundo mais efetivamente.

V: Como pode a não-ação ser útil quando o que se necessita é da ação?

N: Onde ação é requerida, ação acontece. O ser humano não é o ator. Ele é para perceber o que está acontecendo. Sua própria presença é ação. A janela é a ausência de parede, e ela ilumina e areja porque é vazia. Seja vazio de todo conteúdo mental, de toda imaginação e esforço, e a própria ausência de obstáculos farão a realidade entrar rapidamente. Se você realmente quer ajudar uma pessoa, fique de fora. Se você está emocionalmente comprometido com ajudar, você falhará. Você pode ficar bastante ocupado e se sentir muito bem com sua natureza caridosa, mas não estará sendo feita muita coisa. Uma pessoa é realmente ajudada quando ele não mais está necessitando de ajuda. Todo o resto é futilidade.

...

V: Minha morte está próxima.

N: Seu corpo tem pouco tempo de vida, não você. Tempo e espaço estão apenas na mente. Você não está preso. Apenas se compreenda. Compreender-se é eternidade.

Cap 66 – Toda Busca de Felicidade é Infelicidade

Pergunta: Vim da Inglaterra e estou a caminho de Madras. Lá vou encontrar meu pai e deveremos voltar de carro até Londres. Vou estudar psicologia, mas ainda não sei o que farei quando me formar. Talvez psicologia organizacional ou psicoterapia. Meu pai é médico, clínico geral, talvez eu siga essa mesma linha. Mas isso não esgota meus interesses. Existem algumas

questões que não mudam com o tempo. Entendo que você tem algumas respostas a essas questões, e isso me fez vir até aqui.

Nisargadatta Maharaj: Imagino se sou a pessoa certa para responder suas questões. Sei pouco sobre as coisas e as pessoas. Sei apenas que eu sou, e esse tanto você também sabe. Somos iguais.

P: Claro que sei que eu sou. Mas não sei o que isso significa.

N: O que você toma por ser o “eu” no “eu sou” não é você. Saber que você é, é natural; saber o que você é, é resultado de muita investigação. Você terá que explorar o campo inteiro da consciência e ir além. Para isso você tem que encontrar o professor apropriado e criar as condições necessárias para a descoberta. Falando de modo geral, existem duas possibilidades: externa e interna. Ou você vive com alguém que conhece a Verdade e se submete inteiramente a sua influência que guia e modela; ou você procura pelo seu guia interno e segue sua luz interior onde quer que ela o leve. Em ambos os casos seus medos e desejos pessoais devem ser desconsiderados. Você aprende tanto pela proximidade como pela investigação, o jeito passivo ou o jeito ativo. Ou você se deixa carregar pelo rio de vida e amor representado pelo seu Guru, ou você faz seu próprio esforço, guiado pela sua estrela interna. Em ambos os casos você tem que se mover, você tem que ser sério, determinado. São raras as pessoas que têm a sorte de encontrar alguém digno de confiança e amor. A maioria das pessoas tem que pegar o caminho árduo, o caminho da inteligência e do entendimento, da discriminação e do desapego. Esse é o modo disponível para todos.

P: Tenho sorte de poder vir aqui: embora esteja indo embora amanhã, uma conversa com você pode afetar minha vida inteira.

N: Sim. Uma vez que você fale: “quero encontrar a Verdade”, toda sua vida será profundamente afetada por isso. Todos seus hábitos físicos e mentais, sentimentos e emoções, desejos e medos, planos e decisões atravessarão a transformação mais radical.

P: Uma vez que eu decida encontrar a Realidade, o que devo fazer então?

N: Depende de seu temperamento. Se você é sério, o que quer que você escolha o levará à sua meta. É a seriedade, a determinação, a honestidade, integridade, que é o fator decisivo.

P: Qual é a fonte da seriedade?

N: É o instinto de retornar ao lugar onde vive que faz o pássaro voltar ao seu ninho, e o peixe à cachoeira na montanha onde nasceu. A semente retorna à terra quando o fruto está maduro. Estar maduro é tudo.

P: O que me tornará maduro? Necessito de experiência?

N: Você já tem toda experiência que necessita, de outra forma você não teria vindo aqui. Você não necessita ganhar mais nenhuma experiência; ou melhor, você precisa ir além da experiência. Seja qual for o esforço que você faça, seja qual for a prática que você siga, isso irá apenas gerar mais experiência, mas não o levará além. Ler os livros também não o ajudará. Irá

enriquecer sua mente, mas a pessoa que você é permanecerá intacta. Se você espera algum benefício da sua busca, material, mental ou espiritual, você errou o alvo. A Verdade não traz vantagens. Não lhe dá nenhuma alta posição, nenhum poder sobre os outros; tudo que você ganha é a verdade e fica livre do falso.

P: Certamente a verdade lhe dá o poder de ajudar os outros.

N: Isso é mera imaginação, mesmo que nobre! Na verdade você não ajuda aos outros, porque não existem outros. Você divide as pessoas em dignos e indignos e pede aos dignos que ajudem os indignos. Você separa, avalia, julga e condena, e em nome da verdade você os destrói. O próprio desejo de formular a verdade a nega, porque ela não cabe em palavras. A verdade pode apenas ser expressa pela negação do falso, na ação. Para isso você tem que ver o falso como falso, e rejeitá-lo. Renunciar ao falso é libertador e dá energia. Abre a estrada para a perfeição.

P: Quando sei que descobri a verdade?

N: Quando a idéia “isto é verdade”, “aquilo é verdade” não aparece. A verdade não se afirma a si mesma, ela é o ver o falso como falso e a rejeição do falso. É inútil buscar a verdade quando a mente está cega pelo falso. Precisa ser purgada do falso completamente antes da verdade poder surgir nela.

P: Mas o que é o falso?

N: Certamente, o que não é, é falso.

P: O que você quer dizer com “não ser”? O falso está ali, concreto como um prego.

N: O ser que contradiz seu ser, (que começa e acaba), não é. É, mas apenas momentaneamente, o que vem a dar no mesmo. Pois o que tem um começo e um fim não tem um meio. É vazio. Tem apenas nome e forma dado a ele pela mente, mas não tem nem substância nem essência.

P: Se tudo que passa não é, então o universo também não é.

N: Quem negaria isso? Claro que o universo não é.

P: O que é?

N: Aquilo que não depende de nada para existir, que não surge com o surgimento do universo, nem desaparece com o desaparecimento do universo, que não necessita de nenhuma prova, mas dá realidade para tudo que toca. É da natureza do falso aparecer como real por um momento. Pode-se dizer que o verdadeiro se torna o pai do falso. Mas o falso é limitado no tempo e no espaço, e é produzido pelas circunstâncias.

P: Como posso me livrar do falso e assegurar o real?

N: Com que propósito?

P: Para viver melhor, uma vida mais satisfatória, integrada e feliz.

N: O que quer que seja concebido pela mente deve ser falso, pois é relativo e limitado. O real é inconcebível e não pode ser subordinado a um propósito. Deve ser almejado por seu próprio ser.

P: Como posso querer o inconcebível?

N: O que mais vale a pena querer? Certo, o real não pode ser almejado como uma coisa é desejada. Mas você pode ver o irreal como irreal e descartá-lo. É o descartar do falso que abre caminho para o verdadeiro.

P: Compreendo. Mas como isso acontece na vida diária?

N: Interesse próprio e preocupação consigo mesmo são os pontos focais do falso. Sua vida diária vibra entre o desejo e o medo. Observe-a com intenção e atenção e você verá como a mente assume inumeráveis formas e nomes, como um rio espumante entre seixos. Vá atrás de cada ação para ver seu motivo egoísta e fique com o motivo atentamente até que ele se dissolva.

P: Para viver cada um tem que cuidar de si mesmo, cada um tem que ganhar dinheiro para si mesmo.

N: Você não precisa ganhar para si mesmo, mas você pode ter que para sua mulher e filho. Você pode ter que ficar trabalhando para prover a outros. Mesmo apenas se manter vivo pode ser um sacrifício. Não existe nenhuma necessidade de ser egoísta, nunca. Descarte todo motivo no interesse próprio logo que seja visto, e você não necessita buscar a verdade. A verdade o encontrará.

P: Existem necessidades mínimas.

N: E elas não foram supridas desde que você foi concebido? Abandone toda prisão da preocupação consigo mesmo e seja o que você é, inteligência e amor em ação.

P: Mas tenho que sobreviver!

N: Você não tem escolha senão sobreviver! O “você” real é fora do tempo e além de nascimento e morte. E o corpo sobreviverá tanto quanto for necessário. Não é importante que viva muito. Uma vida plena é melhor que uma vida longa.

P: Quem irá dizer o que é uma vida plena? Vai depender do meu *background* cultural.

N: Se você busca a realidade, você deve se libertar de todos os *backgrounds*, de todas as culturas, de todos os padrões de pensamento e sentimento. Até mesmo da idéia de ser homem ou mulher, ou mesmo humano, deve ser descartada. O oceano da vida contém tudo, não apenas seres humanos. Assim, abandone primeiramente toda identificação pessoal, pare de pensar em você como isso ou aquilo, desse ou daquele jeito, assim ou assado. Abandone toda

preocupação consigo mesmo, não se preocupe com seu bem-estar seja material seja espiritual; abandone todo desejo, grosseiro ou sutil, pare de pensar em conquistas de qualquer tipo. Você é completo aqui e agora, você não necessita absolutamente nada.

Isso não significa que deve ser um idiota sem cabeça, imprevidente ou indiferente; apenas a ansiedade básica a respeito de si mesmo deve ir embora. Você necessita um pouco de comida, roupas e teto para você e para os seus, mas isso não criará problemas enquanto a ganância não for tomada como necessidade. Viva em sintonia com as coisas como elas são e não como são imaginadas.

P: O que eu sou senão humano?

N: Isso que o faz pensar que é humano não é humano. Não é senão um ponto adimensional de consciência, um nada consciente. Tudo que você pode dizer de si mesmo é “Eu sou”. Você é puro ser, atenção, bem-aventurança. Dar-se conta disso é o fim de toda busca. Você chega nisso quando você vê que tudo que você pensa que é, é mera imaginação, e fica à distância, na pura atenção do transitório como transitório, do imaginário como imaginário, do irreal como irreal. Não é nem um pouco difícil, mas desapego é necessário. É o agarrar-se ao falso que torna tão difícil de ver o verdadeiro. Uma vez que você entende que o falso necessita do tempo, e o que necessita do tempo é falso, você está mais perto da Realidade, que é fora do tempo, sempre no agora. Eternidade no tempo é mera repetitividade, como o movimento do relógio. Flui do passado para o futuro indefinidamente, um vazio perpétuo. A Realidade que faz o presente tão vital, tão diferente do passado e do futuro, que são meramente construções mentais. Se você necessita de tempo para conquistar qualquer coisa, isso deve ser falso. O Real está sempre com você. Você não tem que esperar para ser o que você é. Apenas você não deve deixar que sua mente saia de si mesma buscando você. Quando você quer alguma coisa, pergunte-se: Eu preciso realmente disso? E se a resposta for “não”, então abra mão.

P: Eu não devo ser feliz? Posso não necessitar de alguma coisa e ainda assim se ela pode me deixar feliz, não devo agarrá-la?

N: Nada pode fazê-lo mais feliz do que você é. Toda busca de felicidade é infelicidade e leva a mais infelicidade. A única felicidade digna desse nome é a felicidade natural de ser consciente.

P: Não necessito de muita experiência antes de atingir tal nível de tão alto de compreensão?

N: A experiência deixa apenas memórias e acrescenta à carga que já é suficientemente pesada. Você não necessita de mais experiências. As passadas já são suficientes. E se você sente que precisa de mais, olhe para o interior do coração das pessoas ao seu redor. Você irá encontrar uma variedade de experiências que você não será capaz de atravessar nem em mil anos. Aprenda do sofrimento dos outros e cuide dos seus próprios. Não é de experiência que você precisa, mas de libertar-se de toda experiência. Não seja ganancioso por experiência, você não necessita nenhuma.

P: Você mesmo não passou por experiências?

N: As coisas acontecem ao meu redor, mas não tomo parte nelas. Um evento se torna uma experiência apenas quando eu me torno emocionalmente envolvido. Estou em um estado que é completo que não busca melhorar-se. Que utilidade tem a experiência para mim?

P: Cada um precisa de conhecimento, de educação.

N: Para lidar com as coisas o conhecimento das coisas é necessário. Para lidar com as pessoas, você precisa de compreensão, de empatia. Para lidar consigo mesmo você não necessita de nada. Seja o que você é, ser consciente, e não se perca de você mesmo.

P: A educação universitária é muito útil.

N: Sem dúvida, ela o ajuda a ganhar a vida. Mas não o ensina como viver. Você é um estudante de psicologia. Isso pode ajudá-lo em certas situações. Mas, você pode viver pela psicologia? A vida é digna desse nome apenas quando reflete a Realidade em ação. Nenhuma universidade irá ensiná-lo a viver assim de modo que quando a morte chegar você possa dizer: “eu vivi bem, não necessito viver novamente”. Muitos de nós morremos desejando poder viver novamente. Tantos erros cometidos, tanta coisa deixada por fazer. Muita gente vegeta e não vive. Apenas ganham experiências e enriquecem suas memórias. Mas a experiência é a negação da realidade, a qual não é nem sensória nem conceitual, nem do corpo nem da mente, embora inclua e transcenda a tudo.

P: Mas a experiência é muito útil. Pela experiência que se aprende a não tocar o fogo.

N: Eu já lhe falei que o conhecimento é necessário para se lidar com as coisas. Mas não lhe ensina como lidar com pessoas e consigo mesmo, como viver a vida. Não estamos falando de dirigir um carro ou ganhar dinheiro. Para isso você precisa de experiência. Mas para ser uma luz para si mesmo, o conhecimento material não irá ajudá-lo. Você necessita de algo muito mais profundo e íntimo que o conhecimento indireto, para ser você mesmo no verdadeiro sentido da palavra. Sua vida exterior não é importante. Você pode se tornar um guarda-noturno e viver feliz. É o que você é interiormente que importa. Sua paz interior e sua alegria você terá que trabalhar para ganhar. É muito mais difícil que ganhar dinheiro. O único meio de aprender é pela prática. Comece a ser você mesmo imediatamente. Descarte tudo que você não é e vá ainda mais fundo. Assim como uma pessoa cavando um poço descarta tudo que não é água até atingir um lençol de água, assim você deve descartar o que não é você mesmo, até que não reste nada que não seja você. Você vai ver que sobra não é nada à que a mente possa ficar enganchada. Você não é nem mesmo um ser humano. Você apenas é. Um ponto de atenção, co-extensivo com o tempo e o espaço e além de ambos, a causa última, em si mesmo sem causa. Se você me pergunta: “Quem é você?” Minha resposta é: “Nada em particular e, ainda assim, eu sou”.

P: se você não é nada em particular, então você deve ser o universal.

N: O que é ser universal – não como um conceito, mas como um modo de vida? Não separar, não se opor, mas compreender e amar o que quer que entre em contato com você, é viver universalmente. Ser capaz de dizer verdadeiramente: “Eu sou o mundo, o mundo sou eu. Estou em casa no mundo, o mundo é meu mesmo. Cada existência é minha existência, cada consciência é minha consciência, cada sofrimento é meu sofrimento, e cada alegria é minha alegria”; isso é a vida universal. Ainda assim, meu ser real, e o seu também, é além do universo e, portanto, além de todas as categorias do particular e do universal. É o que é, totalmente em si e independente.

P: É difícil para eu entender.

N: Você deve dar tempo a você mesmo para chocar essas coisas. Os trilhos antigos devem ser apagados do seu cérebro, sem que se formem novos. Você deve se dar conta de si mesmo como o imutável, por trás e além do mutável; o observador silencioso de tudo que acontece.

P: Isso significa que devo abandonar todas as idéias de uma vida ativa?

N: De jeito nenhum. Haverá o casamento, virão os filhos, haverá o ganhar dinheiro para manter a família; tudo isso acontecerá no natural curso de eventos, pois o destino deve se realizar. Você atravessará tudo isso sem resistência, enfrentando as tarefas à medida que surgem, atenta e cuidadosamente, tanto nas pequenas como nas grandes coisas. Mas a atitude geral será de desapego afetuoso, uma boa-vontade enorme, sem expectativas de receber nada em troca, constante dar sem nunca pedir. No casamento você não é nem o marido nem a esposa; você é o amor entre os dois. Você é a clareza e a gentileza que faz tudo ficar em ordem e feliz. Pode parecer vago para você, mas se você pensa um pouco você vai descobrir que o que é místico é muito prático, pois torna sua vida criativamente feliz. Sua consciência é elevada a uma dimensão superior, de onde você vê tudo com maior clareza e maior intensidade. Você se dá conta que a pessoa que você se tornou ao nascer e que cessará de ser ao morrer é temporária e falsa. Você não é a pessoa sensual, emocional e intelectual, apanhado pelos desejos e medos. Descubra o seu ser real. “Quem sou eu?” é a pergunta fundamental de toda filosofia e psicologia. Vá fundo nisso.

Cap 71 – (pág 343)

Nisargadatta: A pessoa é meramente o resultado de uma compreensão errada. Na realidade não existe tal coisa. Sentimentos, pensamentos e ações correm diante do observador em uma sucessão sem fim, deixando traços no cérebro e criando uma ilusão de continuidade. Um reflexo do observador na mente cria o sentimento de “eu” e a pessoa adquire uma aparente existência independente. Na realidade não existe uma pessoa, apenas o observador identificando-se com o “eu” e o “meu”. O sábio fala para o observador: você não é isso, não existe nada de você nisso, exceto o pontinho “Eu Sou”, que é a ponte entre o observador e seu sonho. “Eu sou isto”, “Eu sou aquilo” é sonho, enquanto o puro “Eu Sou” tem o selo da realidade em si. Você experimentou muitas coisas e tudo veio a dar em nada. Somente o sentimento “Eu Sou” persistiu sem mudanças. Fica com o imutável dentro do que sempre muda, até ser capaz de ir além.

(pág 345)

Pergunta: Por que os sábios indianos advogam a inatividade?

Nisargadatta: A maioria das atividades das pessoas não têm valor nenhum, se é que não são mesmo destrutivas. Dominadas pelo desejo e pelo medo, não podem fazer nenhum bem. Parar de fazer o mal precede o começar fazer o bem. Daí a necessidade de parar com todas as atividades por um certo tempo, para investigar os próprios impulsos e motivos, ver tudo que é falso na própria vida, purgar a mente de todo mal, e então recomeçar o trabalho, começando

com os deveres mais óbvios. Naturalmente, se você tem a chance de ajudar alguém, faça isso sem pestanejar, não o faça esperar até você ser perfeito. Mas não se torne um fazedor-do-bem profissional.

(pág 347)

Nisargadatta: Quando você está infectado pelo vírus “Eu-sou-o-corpo”, todo um universo brota em existência. Mas quando você se saciou dele, você começa a flertar com certas idéias fantasiosas de liberação e vai atrás de linhas de ação totalmente fúteis. Você se concentra, você medita, você tortura sua mente e seu corpo, você faz todo tipo de coisa desnecessária, mas você deixa de lado o essencial, que é a eliminação da pessoa.

Pergunta: No começo a gente pode ter que rezar ou meditar por algum tempo antes de estar pronto para a auto-investigação.

Nisargadatta: Se você acredita nisso, vá em frente. Para mim, todo adiamento é desperdício de tempo. Você pode pular toda preparação e ir direto à busca interior última e definitiva. De todas as práticas, é a mais simples e a mais curta.

Cap 73 – A Morte da Mente é o Nascimento da Sabedoria

Pergunta: Antes que cada um realize sua verdadeira natureza não é necessário ser uma pessoa primeiro? O ego não tem seu valor?

Nisargadatta Maharaj: A pessoa tem pouca utilidade. Ela é profundamente envolvida com suas próprias coisas e é completamente ignorante de seu verdadeiro Ser. A menos que a consciência observadora comece a atuar na pessoa, que assim se torna objeto da observação ao invés de sujeito, a realização não é possível. É a presença observadora que torna a realização desejável e atingível.

P: Chega um momento na vida da pessoa que ela se torna a observadora.

N: Oh, não! A pessoa, por si mesma, não vai se tornar a observadora. É como esperar que uma vela apagada comece a ficar acesa pelo passar do tempo. A pessoa pode ficar na escuridão da ignorância para sempre, a menos que a chama do acordar a toque.

P: Quem acende a vela?

N: O Mestre. Suas palavras, sua presença. Na Índia, muito freqüentemente o *mantra*. Uma vez que a vela é acesa a chama consumirá a própria vela.

P: Por que o *mantra* é tão efetivo?

N: A constante repetição do *mantra* é uma coisa que a pessoa não faz em causa própria. A beneficiária não é a pessoa. Assim como a vela, que não aumenta ao queimar.

P: A pessoa pode acordar para si mesma por si mesma?

N: Sim. Isso acontece as vezes como resultado de muito sofrimento. O Mestre quer poupar você do sofrimento interminável. Essa é a Sua graça. Mesmo quando não há um Mestre externo visível, existe sempre o Mestre interno (*sadguru*), que dirige e ajuda a partir de dentro. As palavras “fora” e “dentro” são relativas ao corpo somente, na realidade tudo é apenas um, o “fora” sendo mera projeção do “dentro”. O acordar vem, como se fosse, de uma dimensão superior.

P: Antes da chama ser acesa e depois, qual é a diferença?

N: Antes da chama ser acesa não existe o observador para perceber a diferença. A pessoa pode ser consciente, mas não se dá conta que é consciente. Está completamente identificada com o que pensa, sente e experimenta. A escuridão que existe nisso é de sua própria criação. Quando a escuridão é questionada ela se dissolve. O desejo de questioná-la é plantado pelo Mestre. Em outras palavras, a diferença entre a pessoa e a presença observadora é semelhante à não conhecer e conhecer a si mesmo. O mundo na Consciência é da mesma natureza da Consciência, quando existe harmonia (*sattva*); mas quando atividade e passividade (*rajas e tamas*) aparecem, eles obscurecem e distorcem a visão, e você vê o falso como real.

P: O que a pessoa pode fazer para se preparar para a vinda do Mestre?

N: O próprio desejo de estar preparado significa que o Mestre veio e que a chama foi acesa. Pode ser uma palavra solta, ou uma página em um livro; a Graça do Mestre trabalha misteriosamente.

P: Não existe nada parecido com auto-preparação? A gente ouve tanto sobre a prática (*sadhana*) da yoga.

N: Não é a pessoa que pratica. A pessoa está inquieta e resistente até o fim. É a presença observadora que trabalha na pessoa, na totalidade de suas ilusões, passado, presente e futuro.

P: Como podemos saber que o que você fala é verdadeiro? Embora completo e independente e livre de contradições, como podemos saber que não é produto de uma imaginação fértil, alimentado e enriquecido pela repetição constante?

N: A prova da verdade está nos seus efeitos em quem escuta.

P: As palavras podem ter o efeito mais poderoso. No ouvir ou repetir das palavras cada um pode experimentar diferentes tipos de transes. A experiência de quem escuta pode ser induzida e não pode ser considerada como prova.

N: O efeito não necessariamente precisa ser uma experiência. Pode ser uma mudança no caráter, nas motivações, nos relacionamentos com outras pessoas e consigo mesmo. Transes e visões induzidas por palavras, ou drogas, ou qualquer outro meio sensorial ou mental são temporários e não-conclusivos. A verdade do que é dito aqui é imutável e dura para sempre. E a prova disso está em quem escuta, nas profundas e permanentes transformações em seu ser inteiro. Não é alguma coisa que ele possa duvidar, a menos que ele duvide de sua própria

existência, o que é impensável. Quando minha experiência se torna sua experiência também, que prova melhor você quer?

P: O experimentador é a prova da sua própria experiência?

N: Sim, mas o experimentador não necessita de prova. “Eu sou” e “Eu sei que eu sou”. Você não pode pedir outras provas.

P: Pode haver um verdadeiro conhecimento das coisas?

N: Relativamente, sim. Absolutamente, não existe nenhuma coisa. Saber que nada existe é conhecimento verdadeiro.

P: Qual a ligação entre o relativo e o absoluto?

N: São idênticos.

P: De que ponto de vista eles são idênticos?

N: Quando as palavras são faladas existe o silêncio. Quando o relativo termina, o absoluto permanece. O silêncio, antes das palavras serem faladas, é diferente do silêncio que vem depois? O silêncio é um só e, sem ele, as palavras não podem ser ouvidas. Ele está sempre ali, por trás das palavras. Mude sua atenção das palavras para o silêncio e você irá ouvi-lo. A mente é louca por experiências, a memória delas ela toma por conhecimento. O sábio (*gnani*) está além de toda experiência e sua memória é vazia do passado. Ele fica inteiramente fora de qualquer relação em particular. Mas a mente é louca por formulações e definições, sempre pronta para espremer a realidade em uma forma verbal. De tudo ela quer apenas idéias, pois sem idéias a mente não existe. A realidade é essencialmente só, mas a mente nunca irá deixá-la só e, em vez disso, lida com o irreal. Ainda assim, tudo que a mente pode fazer é descobrir o irreal como irreal.

P: E ver o real como real?

N: Não existe tal estado como ver o real. Quem é para ver o quê? Você só pode ser o real; o que você é, de qualquer modo. O problema é apenas da mente. Abandone as idéias falsas, e isso basta. Não há necessidade de idéias verdadeiras. Não existe nenhuma.

P: Por que então somos encorajados a buscar o real?

N: A mente deve ter um propósito. Para encorajá-la a libertar-se do irreal promete-se algo de volta. Na realidade não existe necessidade de propósito. Ser livre do falso é bom em si mesmo, não necessita de recompensa. É como estar limpo, é a sua própria recompensa.

P: Não é o autoconhecimento uma recompensa?

N: A recompensa do autoconhecimento é libertar-se do eu pessoal. Você não pode conhecer quem conhece, pois você é quem conhece. O fato do conhecer é a prova do que conhece.

Você não necessita de outra prova. O que conhece o conhecido não é conhecível. Assim como a luz só é conhecida nas cores, assim é o que conhece conhecido no conhecimento.

P: O que conhece é apenas uma inferência?

N: Você conhece seu corpo, mente e sentimentos. Você é uma inferência apenas?

P: Eu sou uma inferência para os outros, mas não para mim mesmo.

N: Assim eu sou. Uma inferência para você, mas não para mim mesmo. Conheço a mim mesmo sendo eu mesmo. Como você se conhece como sendo um homem por sê-lo; você não necessita ficar se lembrando sempre de que você é um homem. Somente quando sua humanidade é questionada que você a afirma. De modo similar, Eu sei que sou tudo. Não necessito ficar repetindo “Eu sou tudo, eu sou tudo”. Somente quando você me toma por ser algo em particular, uma pessoa, eu protesto. Assim como você é um homem todo o tempo, assim eu sou o que eu sou, todo o tempo. O que quer que você seja imutavelmente, isso você é, além de toda dúvida.

P: Quando pergunto “como você sabe que é um sábio?” Sua resposta “Não vejo nenhum desejo em mim” não é a prova?

N: Estivesse eu cheio de desejos ainda assim eu seria o que sou.

P: Eu, cheio de desejos, e você, cheio de desejos, que diferença haveria?

N: Você se identifica com seus desejos e se torna escravo deles. Para mim os desejos são coisas entre outras coisas, meras nuvens no céu mental, e não me sinto compelido a agir sobre eles.

P: O que conhece e seu conhecimento, são um ou dois?

N: São ambos um e dois. O que conhece é imanifesto, o conhecido é manifesto. O conhecido está sempre em movimento, mudando, não tem uma forma própria, nenhum lugar fixo. O que conhece é o suporte imutável de todo conhecimento. Cada um precisa do outro mas a realidade está além. O sábio não pode ser conhecido porque não há ninguém para ser conhecido. Quando existe uma pessoa você pode falar alguma coisa sobre, mas quando não existe nenhuma identificação com o particular, o que pode ser dito? Você pode falar qualquer coisa a um sábio, sua pergunta sempre será: “a respeito de quem você está falando? Não existe tal pessoa”. Assim como você não pode falar nada a respeito do Universo, porque ele inclui tudo, assim nada pode ser dito a respeito de um sábio, pois ele é tudo e, ainda assim, nada em particular. Você necessita um gancho para pendurar seu quadro nele; quando não existe um gancho, onde você irá pendurar o quadro? Para localizar uma coisa você precisa do espaço, para colocar um evento você necessita do tempo, mas o que é sem tempo e sem espaço desafia todo manuseio. Ele torna tudo perceptível e, ainda assim, ele mesmo está além de toda percepção. A mente não pode conhecer o que é além da mente, mas a mente pode ser conhecida pelo que está além dela. O sábio não conhece nem o nascimento nem a morte; existência e não-existência são o mesmo para ele.

P: Quando seu corpo morre, você permanece?

N: Nada morre. O corpo é apenas imaginado. Não existe tal coisa.

P: Antes que um outro século passe você estará morto para tudo à sua volta. Seu corpo será coberto com flores, e então será queimado, e as cinzas serão espalhadas. Essa será a nossa experiência. Qual será a sua?

N: O tempo chegará ao fim. Essa é a chamada Grande Morte (*mahamrityu*), a morte do tempo.

P: Isso significa que o universo e tudo que ele contém, chegará ao fim?

N: O universo é sua experiência pessoal. Como isso pode ser afetado? Você pode estar dando uma palestra por duas horas, para onde ela vai quando tiver acabado? Ela mergulhou no silêncio, onde o começo, o meio e o fim da palestra estão todos juntos. O tempo chegou ao fim. Ele existiu, agora não existe mais. O silêncio depois de uma vida de muita fala, e o silêncio depois de uma vida em silêncio, é o mesmo silêncio. Imortalidade é libertar-se do sentimento “Eu sou”. Ainda assim não é extinção. Pelo contrário, é um estado infinitamente mais real, acordado e feliz do que você pode pensar. Apenas não existe mais a auto-consciência.

P: Por que a Grande Morte da mente coincide com a “pequena morte” do corpo?

N: Não é assim. Você pode morrer cem mortes sem uma quebra no turbilhão mental. Ou, você pode manter seu corpo e morrer somente na mente. A morte da mente é o nascimento da sabedoria.

P: A pessoa vai embora e somente a presença observadora permanece.

N: Que permanece para dizer “Eu sou o observador”. Quando não existe o “Eu sou” onde está o observador? No estado atemporal não existe nenhum “eu” para se refugiar. O homem que carrega um pacote, está ansioso para não perdê-lo; ele é pacote-consciente. O homem que nutre o sentimento “Eu sou” é auto-consciente. O sábio não se prende a nada, e não pode ser dito consciente. E no entanto ele não é inconsciente. Ele é o próprio coração da atenção. Nós o chamamos *digambara* vestido de espaço, o Nu, além de toda aparência. Não existe nome nem forma sob a qual ele pode ser tido como existente; e no entanto ele é o único que verdadeiramente é.

P: Não posso entender isso.

N: Quem pode? A mente tem seus limites. É suficiente trazê-lo até a fronteira do conhecimento e fazê-lo defrontar-se com a imensidão do desconhecido. Mergulhar nela é com você.

P: E a presença observadora? É real ou irreal?

N: É ambos. O último remanescente da ilusão, o primeiro toque do real. Dizer: Eu sou apenas o observador é falso e é verdadeiro. Falso por causa do “Eu sou”, verdadeiro por causa da presença observadora. É melhor dizer: “Existe a observação”. No momento que você diz “Eu sou”, o universo inteiro vem a existência junto com seu criador.

P: Outra questão: podemos visualizar a pessoa e o Ser como dois irmãos, o menor e o maior? O irmão menor é nocivo e egoísta, indelicado e inquieto, enquanto o irmão maior é inteligente e gentil, razoável e cheio de consideração, livre da consciência corporal e seus desejos e medos. O irmão maior conhece o irmão menor, mas o menor é ignorante do maior e pensa que está inteiramente sozinho. O Mestre vem e fala ao menor: “Você não está sozinho, você vem de uma família muito boa, seu irmão é um homem marcante, sábio e gentil, que o ama muito. Lembre dele, pense nele, encontre-o, sirva-o, e você se tornará um com ele”. Agora, a pergunta é, existem os dois em nós? O pessoal e o individual? O falso eu e o verdadeiro Ser? Ou é apenas uma analogia?

N: É ambos. Parecem ser dois mas à investigação eles são apenas um. A dualidade dura somente até ser questionada. A trindade, mente, espírito e Ser (*vyakti, vyakta, avyakta*), quando olhado profundamente, se torna uma unidade. São apenas modos de experimentação: de apego, de desaparego, de transcendência.

P: Sua suposição de que estamos em um estado de sonho faz de sua posição incontestável. Qualquer objeção que se coloque você simplesmente nega sua validade. Não se pode discutir com você.

N: O desejo de discutir é também um mero desejo. O desejo de conhecer, de ter poder, mesmo o desejo de existir são apenas desejos. Todos desejam ser, sobreviver, continuar, pois ninguém está certo de si mesmo. Mas todos são imortais. Você faz de você mesmo mortal, pensando que você é o corpo.

P: Desde que você encontrou sua liberdade, você não me daria um pouco dela?

N: Por que um pouco? Tome-a toda. Pegue-a, ela está aí para ser pega. Mas você tem medo da liberdade.

P: Swami Ramdas teve que lidar com um pedido semelhante. Alguns devotos reunidos à sua volta um dia começaram a pedir pela liberdade. Ramdas ouviu-os sorrindo e subitamente ficou sério e disse: “Vocês podem tê-la aqui e agora, absoluta e permanente liberdade. Quem quiser dê um passo à frente”. Ninguém se moveu. Por três vezes ele repetiu a oferta. Ninguém aceitou. Então ele disse: “Foi retirada a oferta”.

N: Apego destrói a coragem. O doador está sempre pronto para dar. O que toma está ausente. Liberdade significa entregar, deixar ir embora. As pessoas não ligam para entregar tudo, deixar tudo ir embora. Eles não sabem que o finito é o preço do infinito, assim como a morte é o preço da imortalidade. Maturidade espiritual está na prontidão para entregar tudo, deixar tudo ir embora. Abandonar é o primeiro passo. Mas o verdadeiro abandonar é a realização de que não há nada para abandonar, pois nada é seu mesmo. É como um sono profundo. Você não abandona sua cama quando cai no sono, você apenas a esquece.

Cap 76 – Saber Que Você Não Sabe, é o Verdadeiro Conhecimento

Nisargadatta Maharaj: Existe o corpo. Dentro do corpo parece estar um observador e, fora do corpo, um mundo sendo observado. O observador e sua observação, assim como o mundo sendo observado, aparecem e desaparecem juntos. Além de tudo isso existe o vazio. Esse vazio é um só para todos.

Pergunta: O que você fala parece simples, mas nem todo mundo iria falar assim. É você, e só você, quem fala dos três e do vazio além. Eu vejo apenas o mundo, que inclui tudo.

N: Até mesmo o “Eu Sou?”

P: Mesmo o “Eu sou”. O “Eu sou” está aí porque o mundo está aí.

N: E o mundo está aí porque o “Eu sou” está aí.

P: Sim, é dos dois jeitos. Não posso separar os dois, nem ir além. Não posso dizer que alguma coisa é, a menos que a experimente, assim como não posso dizer que alguma coisa não é, porque não a experimento. O que é isso que você experimenta que faz com que você fale com tal segurança?

N: Eu sei quem sou como sou – sem tempo, sem espaço, sem causa. Acontece que você não sabe quem você é, estando profundamente absorto, como você está, em outras coisas.

P: Por que estou tão absorto?

N: Porque você está interessado.

P: O que me faz interessado?

N: Medo da dor, desejo do prazer. Prazeroso é o fim da dor, e doloroso é o fim do prazer. Eles se alternam em uma sucessão infinita. Investigue esse círculo vicioso até que você se descubra além dele.

P: Não necessito da sua Graça para me levar além?

N: A graça da sua Realidade Interior está sempre com você, atemporalmente. Seu próprio pedido da Graça é um sinal disso. Não se preocupe com a minha Graça, mas faça como lhe está sendo dito. O fazer é prova de integridade, não o esperar da Graça.

P: Sobre o quê devo ser íntegro?

N: Investigue assiduamente tudo que cruze seu campo de atenção. Com a prática o campo se ampliará, e a investigação se aprofundará, até que se tornem espontâneas e sem limites.

P: Você não está tornando a realização um resultado da prática? A prática opera dentro dos limites da existência física. Como ela pode fazer surgir o que não tem limites?

N: Naturalmente, não existe nenhuma conexão causal entre a prática e a sabedoria. Mas os obstáculos à sabedoria são profundamente afetados pela prática.

P: Quais são os obstáculos?

N: Idéias erradas e desejos levando à ações erradas, causando a dissipação e ao enfraquecimento do corpo e da mente. A descoberta e o abandono do falso remove o que impede o real de chegar à mente.

P: Posso distinguir dois estados mentais: “Eu sou” e “o mundo é”; eles vêm e vão embora juntos. As pessoas falam “Eu sou porque o mundo é”. Você parece dizer: “O mundo é porque Eu sou”. Qual é o verdadeiro?

N: Nenhum dos dois. Os dois são um único e o mesmo estado mental, no tempo e no espaço. Além, existe o atemporal.

P: Qual a conexão entre o tempo e o atemporal?

N: O atemporal conhece o tempo, o tempo não conhece o atemporal. Toda consciência está no tempo e, para ela, o atemporal parece inconsciência. Ainda assim, é o que permite que a consciência seja possível. A luz brilha na escuridão. Na luz a escuridão não é visível. Ou, você pode colocar de outra forma – no infinito oceano de luz nuvens de consciência aparecem, escuras e limitadas, perceptíveis pelo contraste. Esta é uma mera tentativa de exprimir em palavras uma coisa muito simples, mas totalmente inexprimível.

P: As palavras devem servir como pontes para atravessarmos.

N: As palavras se referem a um estado mental, não à realidade. O rio, as duas margens, a ponte através, estão todos na mente. As palavras, por elas mesmas, não podem levá-lo além da mente. É necessário existir um imenso anseio pela verdade, ou absoluta fé no Mestre. Acredite-me, não existe meta, nem um meio de alcançá-la. Você é o meio e a meta, não existe nada mais para ser alcançado senão você mesmo. Tudo que você precisa é compreender, e a compreensão é o florescimento da mente. A árvore é perene, mas o florescer e o dar frutos vêm com as estações. As estações mudam, mas não a árvore. Você é a árvore. Você tem um sem número de galhos e folhas que cresceram no passado e podem crescer outros mais no futuro, ainda assim você permanece. Não o que foi nem o que será você deve conhecer, mas o que é. Seu é o desejo que cria o universo. Conheça o mundo como sua própria criação e seja livre.

P: Você diz que o mundo é filho do amor. Quando vejo os horrores dos quais o mundo é cheio, as guerras, os campos de concentração, as explorações desumanas, como posso tê-lo como minha própria criação? Embora limitado como sou, não poderia ter criado um mundo tão cruel.

N: Descubra a quem este mundo cruel aparece e você saberá porque ele parece tão cruel. Suas perguntas são perfeitamente legítimas, mas não podem ser respondidas, a menos que você saiba de quem é o mundo. Para descobrir o significado de uma coisa você precisa perguntar

pelo seu fabricante. Estou lhe dizendo: você é o fabricante do mundo no qual você vive. Você é o único que pode transformá-lo ou desfazê-lo.

P: Como você pode dizer que eu fiz o mundo? Dificilmente vejo isso.

N: Não existe nada no mundo que você não possa conhecer quando você conhece a Si mesmo. Pensando que você é o corpo você conhece o mundo como uma coleção de coisas materiais. Quando você se conhece como um centro de consciência o mundo aparece como um oceano de mente. Quando você se conhece como você é em realidade, você vê o mundo como você mesmo.

P: Tudo isso soa muito bonito, mas não responde minha pergunta. Por que existe tanto sofrimento no mundo?

N: Se você fica aparte, como observador apenas, você não sofrerá. Você verá o mundo como um *show*, de fato, um dos maiores entretenimentos.

P: Oh não! Essa idéia de *Leela* (o universo como uma brincadeira divina – NT) eu não aceito. O sofrimento é muito agudo e se espalha pelo mundo todo. Que perversão ser entretido por um espetáculo de sofrimento! Que Deus cruel você está me oferecendo!

N: A causa do sofrimento está na identificação de quem percebe com o que é percebido. A partir disso nasce o desejo e, com o desejo, a ação cega, sem considerar os resultados. Olhe ao redor e você verá, o sofrimento é construído pelo ser humano.

P: Se o homem fosse criador de seu próprio sofrimento apenas, eu concordaria com você. Mas em sua loucura ele faz outros sofrerem. Um sonhador tem seus pesadelos privativos e ninguém sofre com isso a não ser ele mesmo. Mas que tipo de sonho é esse que cria problemas na vida dos outros?

N: As descrições são muitas e contraditórias. A realidade é simples. Tudo é um, a harmonia é a lei eterna, ninguém impõe o sofrimento. É somente quando você tenta descrever e explicar que as palavras o traem.

P: Lembro-me de Gandhi falando-me uma vez que o Ser não estava preso à lei da não-violência. O Ser tem o direito de impor sofrimento nas suas manifestações para poder corrigi-las.

N: No nível da dualidade talvez possa ser assim, mas na realidade existe apenas a Fonte, escura em Si mesma, fazendo tudo brilhar. Sem ser percebida, ela dá origem à percepção. Sem ser sentida, ela dá origem ao sentimento. Sem poder ser pensada, ela dá origem ao pensamento. Não-ser dá origem ao ser. É o imutável *background* de todo movimento. Uma vez que você está ali, você está em casa em todo lugar.

P: Se eu sou isso, o que me fez nascer?

N: A memória de desejos incompletos do passado aprisiona a energia, que então se manifesta como uma pessoa. Quando sua carga se esvai, a pessoa morre. Desejos não preenchidos

carregam a uma próxima vida. Auto-identificação com o corpo criam novos desejos, e não há fim para isso, a menos que esse mecanismo de aprisionamento seja visto claramente. É a clareza que libera, pois não se pode abandonar o desejo, a menos que suas causas e seus efeitos sejam vistos claramente. Não digo que a mesma pessoa renasce; ela morre, e morre para sempre. Mas suas memórias permanecem, e seus desejos e medos, que fornecem energia para uma nova pessoa. O Real não toma parte nisso, mas torna isso possível dando a Luz.

P: Minha dificuldade é essa. Posso ver cada experiência em sua própria realidade. Está ali, experimentada. No momento que a questiono, e pergunto a quem ela acontece, quem é o observador etc, a experiência acaba e tudo que posso investigar é somente a memória da experiência. Não posso investigar o momento vivo, o agora. Minha atenção é para com o passado, não com o presente. Pode haver uma atenção para com o presente?

N: O que você está descrevendo não é atenção de forma alguma, mas somente o pensar acerca da experiência. Verdadeira atenção é um estado de pura observação, sem a menor intenção de fazer alguma coisa à respeito do evento observado. Seus pensamentos e sentimentos, palavras e ações podem também ser parte do evento, você observa tudo sem se envolver, na luz plena da clareza e da compreensão. Você compreende exatamente o que está acontecendo, porque isso não o afeta. Pode parecer uma atitude de fria indiferença, mas não é realmente assim. Quando você está nisso você descobre que você realmente ama o que você vê, seja qual for sua natureza. Esse amor sem escolha é a pedra de toque da atenção. Se ele não existe, você está meramente interessado, por alguma razão pessoal.

P: Enquanto houver dor e prazer, cada um pode estar apenas interessada.

N: E enquanto cada um é consciente haverá dor e prazer. Você não pode enfrentar a dor e o prazer no nível da consciência. Para ir além deles você tem que ir além da consciência; o que apenas é possível quando você olha a consciência como algo que acontece para você, não em você, como algo externo, estranho, sobreposto. Então, subitamente você está livre da consciência, realmente só, com nada intruso. E esse é seu estado verdadeiro. A consciência é uma coceira que se espalha e o faz arranhar-se. Naturalmente, você não pode cair fora da consciência, pois a própria idéia de cair fora acontece na consciência. Mas, se você aprende a ver a consciência como uma espécie de febre, pessoal e privativa, na qual você está envolvido como um pintinho dentro do ovo, a partir dessa atitude de ir além dela virá a crise que romperá a casca do ovo.

P: Buda disse que a vida é sofrimento.

N: Ele deve ter querido dizer que toda consciência é dolorosa, o que é óbvio.

P: A morte oferece libertação?

N: Aquele que se acredita como tendo nascido, tem muito medo da morte. Por outro lado, para aquele que se conhece de verdade, a morte é um evento feliz.

P: A tradição Hinduísta diz que o sofrimento é trazido pelo destino, e que o destino é merecido. Veja as grandes calamidades, naturais ou provocadas pelo ser humano, enchentes e terremotos, guerras e revoluções. Atrevemo-nos a pensar que cada um sofre pelas suas

próprias faltas, das quais ele pode nem ter idéia? Os bilhões que sofrem, são eles criminosos punidos justamente?

N: Será que cada um sofre pelas suas próprias faltas? Nós somos realmente separados? Neste vasto oceano da vida nós sofremos pelas faltas dos outros e fazemos os outros sofrer por nossas faltas. Naturalmente a lei do equilíbrio governa suprema, e as contas zeram no fim. Mas enquanto a vida continua, nós nos afetamos uns aos outros profundamente.

P: Sim, como diz o poeta: “Nenhum homem é uma ilha”.

N: Por trás de cada experiência está o Ser, e seu interesse na experiência. Chame isso de desejo, chame isso de amor; as palavras não importam.

P: Posso desejar o sofrimento? Deliberadamente posso pedir a dor? Não sou como o homem que fez para si uma cama macia para uma boa noite de sono e que é visitado por um pesadelo e se revira e berra em seu sonho? Certamente não é o amor que produz pesadelos.

N: Todo sofrimento é causado pelo isolamento egoísta, ilhado pela ganância. Quando a causa do sofrimento é vista e removida, o sofrimento acaba.

P: Posso remover minhas causas do sofrimento, mas os outros vão ser deixados sofrendo.

N: Para compreender o sofrimento você tem de ir além do prazer e da dor. Seus próprios desejos e medos o impedem de compreender e daí ajudar os outros. Na realidade não existem os outros, e ajudando a si mesmo você ajuda a todos os outros. Se você é sério à respeito do sofrimento da humanidade, você deve aperfeiçoar o único meio de ajuda que você tem, isto é, você mesmo.

P: Você vive dizendo que sou o que cria, o que preserva e o que destrói neste mundo, onipresente, onisciente e onipotente. Quando penso sobre o que você fala, pergunto-me: “Como é isso, que existe tanta maldade no meu mundo?”.

N: Não existe maldade, não existe o sofrimento; a alegria de viver é soberana. Veja como cada coisa se agarra à vida, quão querida é a existência.

P: Na tela da minha mente as imagens se seguem em uma sucessão interminável. Não existe nada permanente em mim.

N: Olhe melhor a si mesmo. A tela está aí, ela não muda. A luz brilha firmemente. Somente o filme entre a tela e a luz permanece em movimento e faz com que as imagens apareçam. Você pode chamar o filme de destino.

P: O que cria o destino?

N: A ignorância é a causa da inevitabilidade.

P: Ignorância do quê?

N: Ignorância de você mesmo, primariamente. E também, ignorância da verdadeira natureza das coisas, suas causas e seus efeitos. Você olha ao redor sem compreender e toma as aparências por realidade. Você acredita que conhece ao mundo e a você mesmo, mas é somente sua ignorância que o faz dizer: “Eu sei”. Comece admitindo que você não sabe, e parta daí. Não há nada que possa ajudar mais o mundo do que você colocar um fim na ignorância. Então, você não precisa fazer nada em particular para ajudar o mundo. Seu próprio ser é uma ajuda, em ação ou não-ação.

P: Como pode a ignorância ser conhecida? Conhecer a ignorância pressupõe conhecimento.

N: Está certo. A própria admissão: “Sou ignorante” é o começo do conhecimento. Um homem ignorante é ignorante da sua ignorância. Você pode dizer que a ignorância não existe, pois no momento que é vista ela não é mais. Portanto você pode chamá-la de inconsciência ou cegueira. Tudo que você vê ao seu redor ou dentro de você é o que você não conhece e não compreende, sem nem mesmo saber que não conhece e não compreende. Saber que você não conhece e não compreende é conhecimento verdadeiro, o conhecimento de um coração humilde.

P: Sim, Cristo disse: “Abençoados os pobres em espírito...”

N: Coloque como você quiser; o fato é que o conhecimento é apenas sobre a ignorância. Você sabe que você não sabe.

P: A ignorância acabará um dia?

N: O que há de errado com não saber? Você não precisa saber tudo. É suficiente saber o que você precisa saber. O resto pode cuidar de si mesmo, sem que você saiba como ele faz isso. O que é importante é que sua inconsciência não trabalhe contra sua consciência; que exista uma integração em todos os níveis. Saber não é muito importante.

P: O que você diz é correto psicologicamente. Mas quando o negócio é conhecer os outros, conhecer o mundo, meu conhecimento de que eu não sei não ajuda muito.

N: Uma vez que você é interiormente integrado, o conhecimento exterior vem a você espontaneamente. No exato momento de sua vida você sabe o que você precisa saber. No oceano da mente universal todo conhecimento está contido; é seu, a seu pedido. A maior parte dele você pode nunca precisar saber; mas ainda assim é seu. Assim com o conhecimento, assim com o poder. O que quer que você sinta que precisa ser feito acontece infalivelmente. Sem dúvida. Deus cuida desse negócio de gerenciar o universo; mas ele fica contente de ter alguma ajuda. Quando o ajudante é inteligente e sem egoísmo, todos os poderes do universo estão ao seu comando.

P: Mesmo os poderes cegos da natureza?

N: Não existem poderes cegos. Consciência é poder. Fique atento para o que precisa ser feito, e será feito. Apenas fique alerta, e quieto. Uma vez que você alcança seu destino, e conhece sua verdadeira natureza, sua existência se torna uma bênção para todos. Você pode não saber, e o mundo pode não vir a saber também, ainda assim a ajuda irradia. Existem pessoas no mundo

que fazem o bem em muito maior escala que todos os políticos e filantropistas juntos. Eles irradiam luz e paz sem intenção nem conhecimento. Quando os outros lhes contam dos milagres que eles fazem, eles também se maravilham surpresos. Entretanto, não tomando nada como autoria deles, eles não são nem orgulhosos nem estão atrás de boa reputação. Eles são incapazes de desejar qualquer coisa para eles mesmos, nem mesmo a alegria de ajudar os outros. Sabendo que Deus é bom, eles estão em paz.

Cap 77 – (pág. 386)

Pergunta: Sou por demais apegado à minha família e às minhas posses. Como posso superar esse apego?

Nisargadatta Maharaj: Esse apego nasce junto com o sentimento de “Eu” e “meu”. Descubra o verdadeiro significado dessas palavras e você estará livre de todo aprisionamento. Você tem uma mente que se propaga no tempo. Uma após as outras, as coisas acontecem a você e a memória permanece. Não existe nada errado com isso. O problema surge apenas quando a memória de dores e prazeres passados – que são essenciais para toda a vida orgânica – permanece como um reflexo, dominando o comportamento. Esse reflexo toma a forma de “Eu” e usa o corpo e a mente para os seus propósitos, que invariavelmente são a busca do prazer e o evitar da dor. Quando você reconhece o “Eu” como ele é, um pacote de desejos e medos, e o sentimento de “meu”, como abarcando todas as pessoas e coisas necessitadas, com o propósito de evitar a dor e assegurar o prazer, você verá que o “Eu” e o “meu” são idéias falsas, que não têm fundamento na realidade. Criados pela mente eles dominam seu criador o tanto que for preciso para serem verdadeiros; quando questionados, se dissolvem. O “Eu” e o “meu”, não tendo existência por eles mesmos, necessitam de um suporte que eles encontram no corpo. O corpo se torna o ponto de referência deles. Quando você fala de “meu” cônjuge ou “meus” filhos você quer dizer o cônjuge do corpo, e os filhos do corpo. Abandone a idéia de ser um corpo e se confronte com a questão: “Quem sou eu?”. Imediatamente começará um processo que trará de volta a realidade, ou melhor, levará a mente à realidade. Só que você não precisa ter medo.

P: Do que eu poderia ter medo?

N: Para a realidade estar presente é preciso que as idéias de “Eu” e “meu” desapareçam. E elas desaparecerão se você permitir. Então o seu estado normal e natural retornará, no qual você não é nem o corpo nem a mente, nem o “Eu” nem o “meu”, mas um estado totalmente diferente de ser. É um puro dar-se conta de Ser, sem ser isto ou aquilo, sem qualquer auto-identificação com alguma coisa em particular ou em geral. Na pura luz da Consciência nada existe, nem mesmo a idéia de “nada”. Apenas luz existe.

P: Existem pessoas que amo. Devo abandoná-las?

N: Você apenas abandona o apego a elas. O resto é com elas. Elas podem, ou não, perder o interesse em você.

Cap 80 – Atenção

Pergunta: Leva tempo para realizar o Ser, ou o tempo não significa nada? A auto-realização é uma questão de tempo somente, ou depende de outros fatores?

Nisargadatta Maharaj: Toda espera é fútil. Depender do tempo para resolver nossos problemas é auto-enganar-se. O futuro, por si mesmo, apenas repete o passado. Transformação pode apenas ocorrer agora, nunca no futuro.

P: O que traz a transformação?

N: Com clareza cristalina veja a necessidade de transformação. Isso é tudo.

P: A auto-realização acontece na matéria ou além? Não é uma experiência que depende do corpo e da mente para ocorrer?

N: toda experiência é ilusória, limitada e temporal. Não espere nada de uma experiência. A realização, em si mesma, não é uma experiência, embora possa levar a uma nova dimensão de experiências. Ainda assim, as novas experiências, embora interessantes, não são mais reais que as antigas. Definitivamente, realização não é uma experiência. É a descoberta do fator atemporal em cada experiência. É a atenção do acordar, que torna possível a experiência. Assim como em todas as cores a luz é o fator incolor, assim em cada experiência a atenção está presente e, ainda assim, não é uma experiência.

P: Se a atenção não é uma experiência, como pode ser realizada?

N: A atenção está sempre presente. Não necessita ser realizada. Abra a persiana da mente e ela será inundada de luz.

P: O que é a matéria?

N: O que você não entende é a matéria.

P: A ciência entende a matéria.

N: A ciência apenas rechaça as fronteiras da nossa ignorância.

P: E o que é a natureza?

N: A totalidade das experiências conscientes é a natureza. Como um eu consciente você é parte da natureza. Como atenção você é além. Ver a natureza como mera consciência é atenção.

P: Existem níveis de atenção?

N: Existem níveis na consciência mas não na atenção. É um bloco homogêneo. Seu reflexo na mente é o amor e a compreensão. Existem níveis de clareza de compreensão e níveis de intensidade no amor, mas não na fonte. A fonte é simples e única, mas suas dádivas são

infinitas. Apenas não tome a dádiva pela fonte. Realize a si mesmo como fonte e não como rio; isso é tudo.

P: Sou o rio também.

N: Claro que você é. Como um “Eu sou” você é o rio, fluindo entre as margens do corpo. Mas você é também a fonte e o oceano e as nuvens no céu. Onde quer que exista vida e consciência, você é. Menor que o menor, maior que o maior, você é, enquanto tudo o mais desaparece.

P: A sensação de ser e a sensação de viver – são uma e a mesma coisa, ou são diferentes?

N: A identidade no espaço cria uma, e a continuidade no tempo cria a outra.

P: Você disse uma vez que o que vê, o ver e o que é visto são uma única coisa, não três. Para mim os três são separados. Não duvido de suas palavras, apenas não entendo.

N: Veja cuidadosamente e você verá que o que vê e o que é visto aparecem apenas quando há ver. São atributos do ver. Quando você diz: “Eu estou vendo isto”, “Eu estou” e “isto” vêm com o “vendo”, nunca antes. Você não pode ter um não-visto “isto” nem um não-vendo “Eu estou”.

P: Posso dizer: “Eu não vejo”.

N: O “Eu estou vendo isto” se transformou em “Eu estou vendo meu não-ver” ou “Eu estou vendo escuridão”. O ver permanece. Na trindade: o conhecido, o conhecer e o conhecedor, apenas o conhecer é um fato. O “Eu estou” e o “isto” são duvidosos. Quem conhece? O que é conhecido? Não existe certeza, apenas que existe o conhecer.

P: Por que estou certo do conhecer, mas não do que conhece?

N: Conhecer é um reflexo de sua natureza verdadeira junto com ser e amar. O que conhece e o que é conhecido são adicionados pela mente. É da natureza da mente criar uma dualidade sujeito-objeto, onde não existe nenhuma.

P: Qual é a causa do desejo e do medo?

N: Obviamente a memória de dores e prazeres passados. Não existe grande mistério sobre isso. O conflito aparece apenas quando desejo e medo se referem ao mesmo objeto.

P: Como colocar um fim na memória?

N: Não é nem necessário nem possível? Se dê conta de que tudo acontece na consciência e que você é a raiz, a fonte, as fundações da consciência. O mundo não é senão uma sucessão de experiências e você é o que as torna conscientes e, ainda assim, permanece além de toda experiência. É como o fogo, a chama, e a lenha queimando. O fogo mantém a chama e a chama consome a lenha. Sem o fogo não haveria nem a chama nem o combustível. De modo

semelhante, sem a atenção não haveria consciência, nem vida, que transforma a matéria em veículo da consciência.

P: Você sustenta que sem eu não haveria o mundo, e que o mundo e o meu conhecimento do mundo são idênticos. A ciência chegou a uma conclusão bem diferente: o mundo existe como uma coisa concreta e contínua, enquanto eu sou um resultado da evolução biológica do sistema nervoso, que primariamente não é muito mais que o sítio da consciência, como um mecanismo de sobrevivência como indivíduo e como espécie. A sua é uma visão totalmente subjetiva. Enquanto a ciência tenta descrever tudo em termos objetivos. Essa contradição é inevitável?

N: A confusão é aparente e puramente verbal. O que é, é. Não é nem subjetivo nem objetivo. Matéria e mente não são separadas, são aspectos de uma energia. Olhe para a mente como uma função da matéria e você terá a ciência; olhe para a matéria como um produto da mente e você terá a religião.

P: Mas o que é verdadeiro? O que vem primeiro, mente ou matéria?

N: Nenhum dos dois vem primeiro, pois nenhum aparece sozinho. A matéria é a forma; a mente é o nome. Juntos eles fazem o mundo. Permeando e transcendendo está a Realidade, puro Ser – atenção – bênção, sua essência verdadeira.

P: Tudo que conheço é o fluxo de consciência, uma sucessão de eventos sem fim. O rio do tempo flui, trazendo e levando embora sem parar. Transformação do futuro em passado acontece o tempo todo.

N: Você não é vítima da sua linguagem? Você fala sobre o fluxo do tempo como se você fosse estacionário, fixo. Mas os eventos que você observou ontem, outra pessoa pode ver amanhã. É você que está em movimento e não o tempo. Pare de se mover e o tempo terminará.

P: O que significa isso: “o tempo terminará”?

N: Passado e futuro desaparecem no eterno agora.

P: Mas o que isso significa como experiência real? Como você sabe que para você o tempo terminou?

N: Talvez signifique que passado e futuro não importem mais. Também pode ser que tudo que aconteceu e que acontecerá se torna um livro aberto, para ser lido quando se quiser.

P: Posso imaginar um tipo de memória cósmica, acessível com certo treinamento. Mas como pode o futuro ser conhecido? O inesperado é inevitável.

N: O que é inesperado em um nível pode ser algo que acontecerá com certeza quando visto de um ponto de vista superior. Afinal, nós estamos dentro dos limites da mente. Na realidade nada acontece, não existe passado nem futuro; tudo parece e nada é.

P: O que você quer dizer com “nada é”? Você fica em branco, ou vai dormir? Ou você dissolve o mundo e nos coloca a todos em estado de suspensão, até que sejamos trazido de volta à vida na sua próxima centelha de pensamento?

N: Oh não, não é assim tão ruim. O mundo da mente e da matéria, dos nomes e das formas, continua, mas não me importa nem um pouco. É como ter uma sombra. Está ali – seguindo-me onde quer que eu vá mas não me atrapalhando de modo nenhum. Permanece como um mundo de experiências, mas não como nomes e formas relacionadas comigo por desejos e medos. As experiências não têm qualidade, “carga”, são só experiências, se posso falar assim. Eu as chamo de experiência por falta de uma palavra melhor. São como ondas na superfície do oceano, sempre presentes, mas nunca afetando seu poder, sua paz.

P: Você quer dizer que uma experiência pode ser sem nome, sem forma, indefinida?

N: Em princípio todas as experiências são assim. É somente o desejo e o medo, nascidos da memória, que lhes atribui nome e forma e as separa de outras experiências. Não é uma experiência consciente, pois não está em oposição a outras experiências, mas ainda assim é igualmente uma experiência.

P: Se não é consciente por que falar sobre isso?

N: A maioria de suas experiências é inconsciente. Muito poucas são conscientes. Você não se dá conta disso, pois para você apenas as conscientes contam. Fique atento ao inconsciente.

P: Pode-se ficar atento ao inconsciente? Como isso é feito?

N: Desejos e medos são os fatores que obscurecem e distorcem a visão. Quando a mente se liberta deles o inconsciente se torna acessível.

P: Isso significa que o inconsciente se torna consciente?

N: Ao contrário. O consciente se torna um com o inconsciente. A distinção acaba, de qualquer jeito que você olhe para isso.

P: Estou perplexo. Como se pode estar atento e, ainda assim, inconsciente?

N: A atenção não está limitada à consciência. Está em tudo que é. Consciência é da dualidade. Não existe dualidade na atenção. É um único bloco de pura cognição. Da mesma maneira se pode falar de puro ser e pura criação – sem nome, sem forma, silencioso e, ainda assim, absolutamente real, poderoso, efetivo. O fato de ser indescritível não o afeta em nada. Embora seja inconsciente, é essencial. A consciência não pode se transformar fundamentalmente, pode apenas se modificar. Qualquer coisa, para se transformar, deve passar pela morte, pelo obscurecimento e dissolução. As jóias de ouro precisam ser derretidas para poderem receber novas formas. O que se recusa a morrer não pode renascer.

P: Excetuando a morte do corpo, como se pode morrer?

N: Retirar-se, ser indiferente, abandonar é morrer. Para viver plenamente a morte é essencial; cada findar traz um novo começar. Por outro lado, compreenda, somente o morto pode morrer, não o vivente. Aquilo que é vivo em você, é imortal.

P: De onde o desejo tira sua energia?

N: Seu nome e sua forma ele tira da memória. A energia flui da fonte.

P: Alguns desejos são totalmente errados. Como pode que desejos errados fluam de uma fonte sublime?

N: A fonte não é nem certa nem errada. Tampouco o desejo, em si mesmo, é certo ou errado. Não faz nada além de empenhar-se pela felicidade. Tendo se identificado com a poeira que é um corpo você se sente perdido e procura desesperadamente por um sentimento de plenitude e inteireza que você chama de felicidade.

P: Quando eu a perdi? Nunca a tive.

N: Você a tinha antes de acordar esta manhã. Vá além da sua consciência e você a encontrará.

P: Como posso ir além?

N: Você já sabe. Faça.

P: Isso é o que você fala. Não sei nada disso.

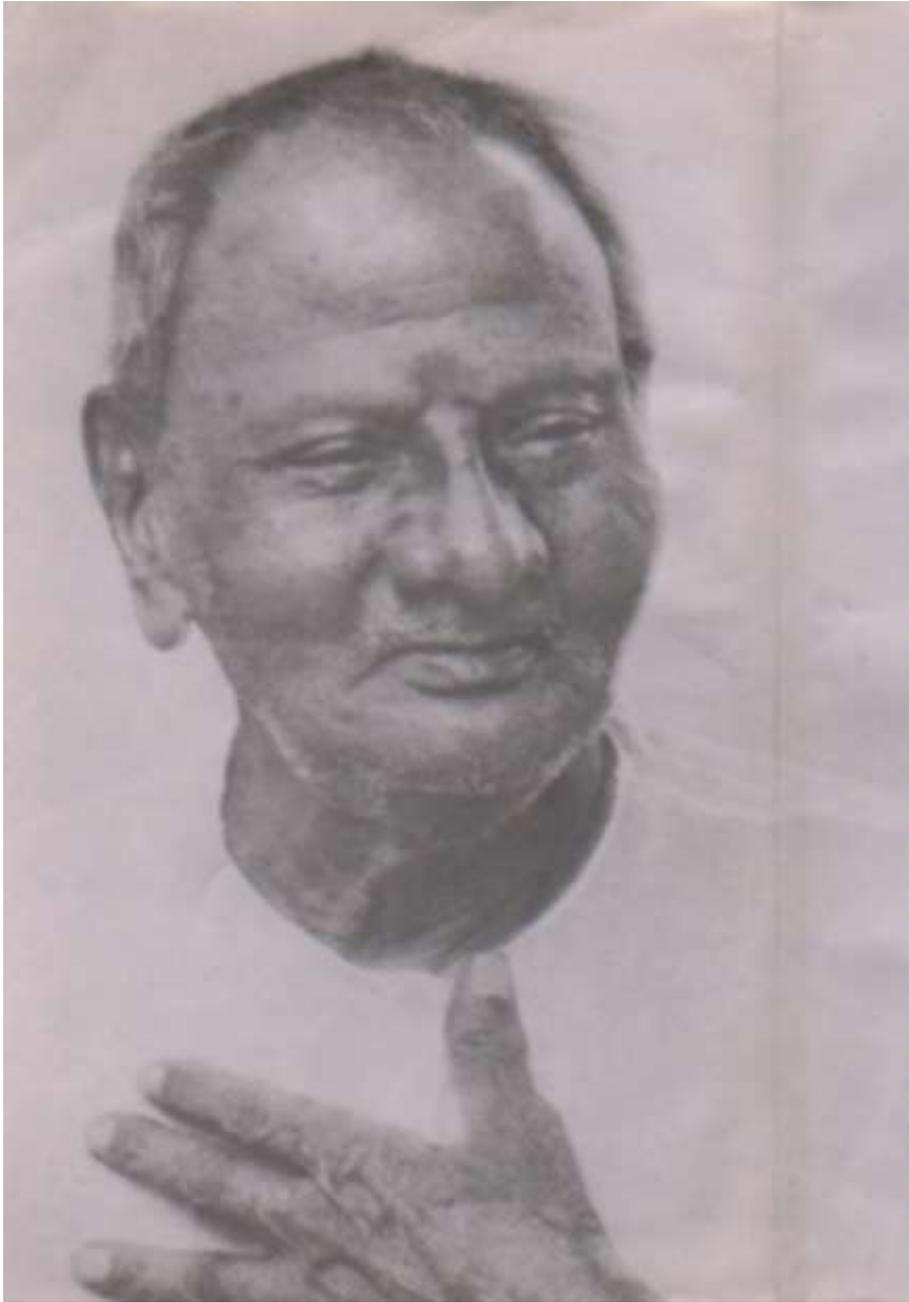
N: Ainda assim repito – você sabe. Faça. Vá além, de volta ao seu estado natural, normal, supremo.

P: Estou perplexo.

N: Poeira nos olhos faz você pensar que é cego. Lave e veja.

P: Eu olho. Vejo apenas escuridão.

N: Remova a poeira e seus olhos serão inundados pela luz. A luz está aí – esperando. Os olhos estão aí – prontos. A escuridão que você vê é apenas a sombra de um pequenino grão de poeira. Livre-se dele e retorne ao seu estado natural.



The Experience of Nothingness, Blue Dove Press, USA, 2001

(pág 154-155)

Nisargadatta Maharaj: Você não era, mesmo antes de pronunciar as palavras “Eu sou?”

Pergunta: Sim, naturalmente.

N: Apenas fique aí. Aí começa sua espiritualidade, o mais profundo “você”, o Eu sou que você é, sem palavras, antes da existência das palavras. Fique aí. Daí vem a experiência “Eu sou”.

P: Então o “Eu sou” é o observador. O Ser é o observador, certo?

N: Observação acontece para esse princípio que é prior ao seu pronunciar “Eu sou”. Não existe tal coisa como observação deliberada. Observação apenas acontece, por si mesma. Você também deve investigar a “morte”, o significado dessa palavra comum. No momento em que a morte acontece, o sopro vital deixa o corpo, gradualmente sai do corpo. Ao mesmo tempo que o sopro vital, a mente e a linguagem também caem fora. Simultaneamente, essa qualidade “Eu sou” essa qualidade de Ser, também parte ou vai para o esquecimento. Somente Eu, o Absoluto, permanece. Fique aí apenas. Nada acontece para “Mim”, o Absoluto. Nessa assim-chamada morte, essa qualidade de Ser submerge em um estado de não-ser. Não existe tangibilidade que reste para esse “Eu sou”. O sentimento de “Eu sou” não está mais ali. Transformou-se em *Nirvana* (vazio pleno). Não existe mais nem uma amostra de ser. Assim, o que acontece com aquela qualidade de ser? Ela submerge em qualquer estado que esteja presente, que é a observação da partida do sopro vital e dessa qualidade de ser. Submerge no estado Absoluto.

P: Isso acontece com todo mundo, ou somente com aqueles que realizam o “Eu sou”?

N: Acontece na totalidade, para todos. Nesse estado não existe contabilidade nenhuma, nem de “Eu sou”; assim, onde fica a questão sobre Eu e outros? Nesse estado, na qual a qualidade de Ser se aprofunda, não existe nem mesmo “Eu sou”. Para compreender isso, você deve meditar no próprio estado meditativo; você não deve meditar no quê acontece, mas meditar na própria meditação. Assim, quando você realmente medita no meditador, ou nesse estado meditativo, o que quer que não sirva para a meditação vai cair fora. E somente o meditador permanecerá, sem objeto de meditação. É fácil para qualquer um meditar no que acontece, quando isso é um objeto. Mas é difícil para a pessoa meditar em Si mesmo. O meditador não pode meditar em outro meditador, se esse último é, originalmente, Si mesmo. Mas isso é para ser realizado. No processo de meditar no meditador, a meditação cessa; não é mais meditação, transcende a meditação. Se você é capaz de meditar no meditador, em você mesmo, todos os enigmas vão se resolver para você, qualquer que sejam.

The Blissful Life – Ensinaamentos de Nisargadatta Maharaj Compilados por Robert Powell (Chetana, Índia).

(pág 6)

O homem não é nem um corpo, com cujo nome e forma ele se identifica, nem uma mente, que é essencialmente uma composição de várias imagens às quais a memória dá continuidade. O que ele é, seu Ser, não pode ser definido em termos positivos, pois estes são sempre derivados e dependentes do corpo/mente. É melhor definido em termos negativos: não é isso, não é aquilo, não é uma coisa. Pode ser experimentado ou vivenciado quando se vai além das palavras "Eu sou" e se sustenta o sentimento de "Eu sou", que todos os seres -humanos têm em comum e é algo que ninguém pode discordar. Essa consciência é indiferenciada e, não sendo dependente nem do corpo nem da mente, fica fora do tempo e do espaço. De fato, o oposto é que é verdadeiro: espaço e tempo ficam dentro dessa consciência; e são a própria estrutura da mente e constituem seu modo particular de funcionamento quando engajada no seu processo linear de pensar costumeiro. Embora tenhamos sido condicionados a acreditar que existimos no mundo, a verdade é justamente o oposto: o mundo existe no Ser. Portanto, para permanecer fiel ao nosso Ser verdadeiro devemos não nos enredar nas coisas irrealis e ficar totalmente desidentificados dos eventos do corpo e da mente. Isso implica em manter uma postura de pura observação, nunca intervindo e nunca tentando controlar os eventos no nosso mundo psicológico e emocional. Isso se torna uma realidade ao estarmos sempre indo de um fato para outro, de uma observação para outra, nunca filtrando nossas percepções através do pensamento, da opinião, do desejo e do medo. Assim, não há nada que tenhamos que fazer; pelo contrário, é suficiente permanecer passivo, quieto, silenciosamente atento, sempre vigilante. -Nesse estado de pura atenção, em que a mente está absolutamente quieta, a pessoa se toma mera observadora dos seus pensamentos. A "persona" continua como parte do mundo, mas a identificação com o observador cessa.

Inicialmente, se verá que uma tal atitude de observação alerta com a mente totalmente quieta não se mantém facilmente, pois logo a mente volta para seus velhos padrões de julgar, tomar partido, se preocupar, e controlar, movida como sempre pelo desejo e pelo medo. Mas quando a atenção é forte e ampla o suficiente, a observação é restabelecida por si mesma - sem esforço, de modo natural - pelo focar nesse fato de sair do estado de observação desinteressada e pelo observar desapaixonado das palhaçadas da mente. Paradoxalmente, isso significa ficar atento à própria desatenção.

Nomes e formas mudam incessantemente. Conheça-se como o imutável observador da mente mutável. É o suficiente.

Quando você entende que nomes e formas são cascas vazias sem nenhum conteúdo, de jeito nenhum, e que o que é real é sem nome nem forma, pura energia da vida e luz da consciência, você ficará em paz – imerso no silêncio profundo da realidade.

...

Quando o esforço é necessário, o esforço aparecerá. Quando a qualidade do sem-esforço é essencial, ela se colocará por si mesma. Você não precisa pressionar a vida para isso. Somente flua com ela, E se entregue totalmente ao trabalho do presente momento, Que é morrer agora para o agora.

Pois viver é morrer. Sem morte, a vida não pode existir.

...

Certamente, você deve dormir para acordar. Você deve morrer para viver, você deve se derreter para ganhar nova forma_ Você deve destruir para construir, aniquilar antes da criação.

O Supremo é o solvente universal, que corrói cada recipiente, Queima cada obstáculo. Sem a negação absoluta de tudo a tirania das coisas seria absoluta. O Supremo é o grande harmonizador,

A garantia do equilíbrio último e perfeito - da vida em liberdade. Dissolve você e, assim, reafirma o verdadeiro ser que você é.

The Ultimate Medicine, Blue Dove Press, USA, 2001.

(pág. 194)

Sankalpa significa objetivo. De fato sankalpa significa "você expressa". Qual é objetivo de uma sadhana? Eu quero isto. Vamos dizer que você quer se formar médico - isso é sankalpa. Sadhana é a sua prática, ir à faculdade, estudar medicina - tudo isso é sádhana.

Sankalpa não tem forma ou modelo; é o objetivo e sua expressão. Agora, aquele que faz a sankalpa, ele também. não tem forma. Quanto tempo você tem que continuar com a prática? Pelo tempo que você estiver identificado com a forma. Até lá a prática vai continuar. Uma vez que você alcança o objetivo - ou seja, você não é o corpo-mente, você não é a forma corporal - não existe mais prática nenhuma nunca mais.

O que é o Bhagavad Gita? Gita é a canção, cantada por Krishna. Ele cantou a canção assim como eu canto esta conversa com você agora. Esta é a canção dele. Agora você está diante do Bhagavad Gita. Você o *lê, recita, recorda-o_ Mas o que é importante é que você deve conhecer aquele Krishna que cantou o Gita. Você tem que ter o conhecimento dele, o que ele é. Ele não é uma encarnação, Krishna? Ele desceu a este mundo: encarnação. Encurtando a conversa, do nada, uma forma foi formada; isso é o que quer dizer "descendência numa forma". Isso é avatar. Normalmente, para uma pessoa comum, você diria que do nada a pessoa apareceu. Você chamaria isso de nascimento. Mas no caso dessas grandes personalidades, grandes sábios, você chama isso de "avatar", encarnação:*

É bom estudar o Gita. -Mas e aquele Bhagavan (Deus) Krishna, que cantou aquele Gita? E ele? Você está prestando atenção nele, compreendendo--o?

Agora você está tentando compreendê-lo através de bhakti (devoção)_ e *isso* significa que você está criando alguns conceitos. Isso não é correto. Vindo do nada ele é, ou foi. Como isso acontece? O que é isso que desce?

É esse processo de encarnação que você tem *que* compreender - a descendência em um avatar, em um nascimento, em uma forma. Presença desse estado de ser, avatar - o que é isso? Isso é para ser estudado e compreendido. -Antes desse encarnar, quem quer que seja essa Personalidade, ele não *tinha consciência* de si mesmo. Após descer a esta encarnação ele começou a revelar, "dar nascimento", a si mesmo.

Antes da descendência no avatar, no nascimento, essa qualidade conhecer-se não estava presente; o estado de conhecer-se não existia. O "Eu sou" estava ausente, não disponível. É um estado de "não-conhecimento". Mas depois, o estado passa a se constituir de todos os nomes e títulos, e eles são os ganchos, as algemas, da pessoa.

Suponha que uma pessoa condenada a uma pena esteja foragida e o governo queira prendê-la. Como farão para encontrá-lo e prendê-lo? Através do "gancho" que é seu nome. Se ele não tivesse aquele gancho ele poderia ser preso? No âmago do seu eu não há a imposição de nenhum nome nem título, mas, externamente, na superfície, você aceita um nome. Portanto, internamente, o âmago, que não tem nome, como se pode prendê-lo?

Qual é a correia, a trela, que cada ser humano tem? Quais são as cadeias que ele usa? É somente o nome.

Qualquer pessoa, qualquer pessoa corporificada, com essa consciência "Eu sou", está em atividade no mundo com as cadeias, o gancho do seu nome, apenas. Se não tivesse nome, não seria possível continuar com suas atividades. Naquele âmago, no "coração", existe um estado de saber, estado de Ser, "Eu Sou", que não tem ganchos. Uma vez que é compreendido aquele "Eu Sou" que é puramente "Eu Sou" sem forma - e não aquela forma corporal cheia de ganchos - então nenhuma liberação é almejada. Estar estabilizado naquele estado de Ser, que não tem nome nem forma é, em si mesmo, liberação.

Aonde quero chegar é o seguinte. Você é um devoto de Krishna e do Bhagavad Gita, mas você conhece Krishna? Você conhece os fatos históricos, sobre seu nascimento e assim por diante; tudo isso você sabe de cor. Mas você tem que saber o que essa encarnação é. Depois que esse processo de encarnação - ou seja, esse formar-se como um corpo - termina, só então esse conhecimento, essa consciência "Eu sou" desperta nele. Só então ele sabe que ele é, mas antes desse processo (de descendência na forma) ele não sabe.

Todos os seres, todas as personalidades, são, arrastadas para o tribunal, e eu estou apresentando Krishna como o principal acusado, representando a todos. Assim, estou falando dele. O que é essa encarnação? Ele representa toda humanidade.

